

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

2022

33



INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

**Revista do
Instituto Histórico
e Geográfico de Goiás**

Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

**Revista do
Instituto Histórico
e Geográfico de Goiás**

Nº 33

GOIÂNIA-GO
KELPS, 2023

Copyright © 2023 by Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Editora Kelps

Rua 19 nº 100 — St. Marechal Rondon
CEP 74.560-460 — Goiânia — GO
Fone: (62) 3211-1616
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

Comissão Técnica

**Projeto Gráfico e Editoração da
Revista do IHGG Eletrônica (2021)**

Lucas Rodrigues Figueiredo,
Adriana Sodrê Assis,
Sandro Dutra e Silva

Diagramação

Marcos Dignes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS

REV Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás /
Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. – n. 33 (2021) –
Goiânia: Kelps, 2023.

164 p.

ISSN: 2175-1269

1. Goiás – História. I. Instituto Histórico e Geográfico de
Goiás. I. Título.

CDU: 94(817.3) (05)

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito da instituição. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2023

IHGG – Instituto Histórico e Geográfico de Goiás
Rua 82, n. 455, Setor Sul, CEP 74083-010. Goiânia, Goiás, Brasil.
Telefone: +55 062 3224-4622 / 3224-4941

Portal de Periódicos Eletrônicos – Universidade Evangélica de Goiás, Avenida Universitária
Km 3,5 Cidade Universitária, CEP: 7583-515. Anápolis, Goiás, Brasil.
Telefone: +55 062 3310-6679

**REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO DE GOIÁS
EQUIPE EDITORIAL 2021-2025**

Coordenação Editorial

Prof. Dr. Sandro Dutra e Silva, Universidade Estadual de Goiás,
Brasil | Universidade Evangélica de Goiás, Brasil | Editor-chefe
Prof. Dr. Altair Sales Barbosa, Universidade Evangélica de Goiás,
Brasil | Editor-adjunto
Prof. Dr. Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves,
Universidade Estadual de Goiás, Brasil | Editor-adjunto

Comitê Científico

Abilio Wolney Aires Neto
Aidenor Aires Pereira
Bento A. A. Jayme Fleury Curado
Eguimar Felício Chaveiro
Elizabeth Abreu Caldeira Brito
Francisco Itami Campos
Giovana Galvão Tavares
Horieste Gomes
Itaney Francisco Campos
Lena Castello Branco Ferreira de Freitas
Nasr Nagib Fayad Chaul
Nilson Jaime
Pedro Nolasco de Araújo
Ubirajara Galli

Editores Técnicos

Eduardo F. Souza, Portal de Periódicos Eletrônicos da
Universidade Evangélica de Goiás, Brasil.

Natasha Sophie Pereira, Portal de Periódicos Eletrônicos da
Universidade Evangélica de Goiás, Brasil.

Adriana Sodré de Assis, Portal de Periódicos Eletrônicos da
Universidade Evangélica de Goiás, Brasil.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS
DIRETORIA 2021-2025

Presidente: Jales Guedes Coelho Mendonça

1º vice-presidente: Hélio Moreira

2º vice-presidente: Geraldo Coelho Vaz

3º vice-presidente: Elizabeth Abreu Caldeira Brito

Secretário-geral: Abílio Wolney Aires Neto

1º secretário: Aidenor Aires Pereira

2º secretário: Itaney Francisco Campos

Tesoureiro: Pedro Nolasco de Araújo

1º tesoureiro: Waldomiro Bariani Ortencio

2º tesoureiro: Giovana Galvão Tavares

1º orador oficial: Luiz Augusto Paranhos Sampaio

2º orador oficial: Nilson Gomes Jaime

1º bibliotecário (pinacoteca): José Peixoto da Silveira Júnior

2º bibliotecário (biblioteca): Iúri Rincón Godinho

Diretoria de Museu: Maria Terezinha Campos Santana

Diretoria de Arquivo: Eleuzenira Maria de Menezes

Diretoria de Revista: Sandro Dutra e Silva

Diretoria de Boletim: Bento A. A. Jayme Fleury Curado

Assessoria de História: Juarez Costa Barbosa

Assessoria de Geografia: Horieste Gomes

Conselho Fiscal

Antônio Teixeira Neto – *In memoriam*

Getúlio Targino Lima

Nelson Lopes Figueiredo

Suplentes Conselho Fiscal

Ubirajara Galli

Eurico Barbosa dos Santos

Maria Narcisa de Abreu C. Pires

Conselho Consultivo

Nasr Nagib Fayad Chaul

Wolmir Therezio Amado

Francisco Itami Campos

Eguimar Felício Chaveiro

Ney Teles de Paula

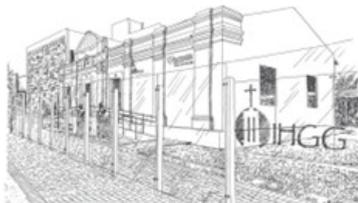
Hélio Rocha

Lena Castello Branco Ferreira de Freitas

Martiniano José da Silva

Maria do Rosário Cassimiro

Jacira Rosa Pires



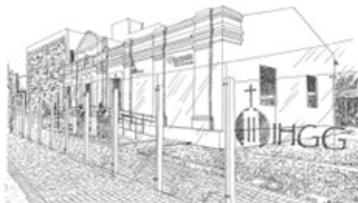
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Sumário

Carta Editorial.....	13
Discurso do Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) na solenidade de inauguração da Restauração da Casa Rosada de Goiânia, em 21 de março de 2022.....	17
<i>Jales Guedes Coelho Mendonça</i>	
Discurso do Governador de Goiás na solenidade de inauguração da Restauração da Casa Rosada de Goiânia, em 21 de março de 2022.....	23
<i>Ronaldo Caiado</i>	
Discurso do Prefeito de Goiânia na solenidade de inauguração da Restauração da Casa Rosada de Goiânia, em 21 de março de 2022.....	29
<i>Rogério Cruz</i>	
Discurso do Presidente do Conselho de Administração do Sicoob UniCentro Br na solenidade de inauguração da Restauração da Casa Rosada de Goiânia, em 21 de março de 2022	33
<i>Clidenor Gomes Filho</i>	

Discurso do Diretor-presidente do Sicoob UniCentro Br na solenidade de inauguração da Restauração da Casa Rosada de Goiânia, em 21 de março de 2022	37
<i>Raimundo Nonato Leite Pinto</i>	
Discurso do Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) na solenidade de posse dos novos sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), em 2 de agosto de 2022	41
<i>Jales Guedes Coelho Mendonça</i>	
Discurso do historiador Eliézer Cardoso de Oliveira na solenidade de posse como sócio titular do IHGG, em 2 de agosto de 2022	45
<i>Eliézer Cardoso de Oliveira</i>	
Discurso da historiadora Tereza Caroline Lôbo na solenidade de posse como sócia titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG).....	51
<i>Tereza Caroline Lôbo</i>	
Discurso do Desembargador Luiz Cláudio Veiga Braga na solenidade de posse como membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG).....	57
<i>Luiz Cláudio Veiga Braga</i>	
90 Anos do prédio cor-de-rosa	63
<i>Lena Castello Branco</i>	
Caminhos da Historiografia Goiana.....	67
<i>Nasr Fayad Chaul</i>	

Coleção Goiás +300, Reflexão e Ressignificação.....	77
<i>Nilson Jaime</i>	
<i>Jales Guedes Coelho Mendonça</i>	
Discurso pronunciado durante o almoço de confraternização dos 90 Anos do IHGG	87
<i>Elizabeth Abreu Caldeira Brito</i>	
Louvação ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás de Frente para a História.....	91
<i>Miguel Jorge</i>	
De gerânios e gerúndios.....	99
<i>Gilberto Mendonça Teles</i>	
Traições, Viagra e Tiros Dentro da Noite.....	101
<i>Edival Lourenço</i>	
Setembro e o Linho das Almas	107
<i>Sandro Dutra e Silva</i>	
A Saga de Zeca Brejeiro	113
<i>Altair Sales Barbosa</i>	
O Quintal de Rosa	117
<i>Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves</i>	
O Burrinho	121
<i>Eguimar Felício Chaveiro</i>	
Galeria.....	127
Sócios do IHGG.....	149



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Carta Editorial

A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás* nº 33 (2022) é uma edição histórica e comemorativa em alusão aos 90 anos do IHGG. O ano de 2022 é marcante na trajetória da primeira entidade cultural e científica de Goiânia, sobretudo pelas inúmeras realizações — ilustradas na seção de fotografias inserta no final deste livro —, e a parceria inovadora com a cooperativa de crédito Sicoob UniCentro Br.

O Instituto tem buscado ser também uma instituição inovadora e protagonista no debate cultural e científico em Goiás. Por isso, sob a liderança do presidente, Dr. Jales Guedes Coelho Mendonça, e toda a atual diretoria, o IHGG tem se fortalecido como guardião da memória cultural de Goiás. Um exemplo é a restauração do prédio histórico e sede do IHGG, além de outras ações que valorizam o capital humano e intelectual do nosso Instituto, com a instalação de exposições permanentes e temporárias que celebram a riqueza cultural de Goiás. Esta edição comemorativa traz esses momentos históricos a partir do registro privilegiado dessa memória, tornando-se, também, fonte para futuras pesquisas históricas.

Em atendimento às determinações da Junta Diretiva do IHGG, na pessoa do seu presidente, Dr. Jales Guedes Coelho Mendonça, a revista passou a adotar critérios editoriais em aderência com as exi-

gências da sociedade da informação, na adaptação a este novo formato. Isso não significa que o IHGG abandonará a publicação da edição impressa. A partir do nº 32 (2021) optou-se pela publicação dos dois formatos da mesma revista, sendo uma eletrônica e outra impressa. Acreditamos que isso viabiliza a democratização do acesso aos valiosos trabalhos e publicações dos pesquisadores e escritores goianos. A edição eletrônica seguirá no formato de acesso livre e gratuito, sendo permitida a todos a leitura dos textos publicados em cada edição. As edições eletrônicas são realizadas em parceria com o Portal de Periódicos da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA), que hospeda o periódico no formato de Open Journal System (OJS).

A revista do IHGG é coordenada por uma equipe de editores ligada ao Instituto e também à UniEVANGÉLICA, e tem como editor-chefe o primeiro signatário, membro do Instituto e professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e Universidade Evangélica de Goiás. Como editores-adjuntos, a equipe editorial conta com a participação do antropólogo Dr. Altair Sales Barbosa e do geógrafo Dr. Ricardo Assis Gonçalves. A equipe editorial tem como comitê científico distintos membros do IHGG, conforme a relação a seguir: Abilio Wolney Aires Neto, Aldenor Aires Pereira, Bento A. A. Jayme Fleury Curado, Eguimar Felício Chaveiro, Elizabeth Abreu Caldeira Brito, Francisco Itami Campos, Giovana Galvão Tavares, Horieste Gomes, Itaney Francisco Campos, Lena Castello Branco Ferreira de Freitas, Nasr Nagib Fayad Chaul, Nilson Jaime, Pedro Nolasco de Araújo e Ubirajara Galli.

Gostaríamos de destacar que a edição nº 33 de 2022 está dividida em três grandes blocos editoriais. A primeira parte contempla textos institucionais e que fazem parte da memória do IHGG, contemplando os discursos de inauguração da Casa Rosada de Goiânia, discursos de posse de novos membros titulares do IHGG e notas institucionais. Dentre os textos institucionais publicados, destacamos os discursos na solenidade de inauguração da nova sede

do Instituto, proferidos pelo governador Ronaldo Caiado, pelo prefeito Rogério Cruz, pelo presidente do IHGG, Dr. Jales Mendonça, e por representantes do Sicoob UniCentro Br, parceiros no projeto de restauração da Casa Rosada. Também tivemos outros discursos na solenidade de recepção de novos sócios do IHGG, além da publicação de outros documentos institucionais.

O segundo bloco editorial é composto por artigos e ensaios, com textos importantes relacionados à comemoração dos 90 anos do Instituto, apresentados pelos membros do IHGG Lena Castello Branco, Nasr Fayad Chaul, Nilson Jaime, Jales Mendonça e Elizabeth Abreu Caldeira Brito. E o terceiro e último bloco editorial se constitui numa inovação da revista a partir deste número, com uma seção com gêneros literários, especialmente poemas, contos e crônicas. Todos os textos publicados neste número têm relação com a missão da Revista do IHGG, que objetiva incentivar e desenvolver estudos históricos, geográficos e de ciências correlatas, assim como divulgar a produção de escritores em diferentes gêneros literários, visando a afirmação da cultura e da identidade goiana e brasileira. Também objetiva a divulgação de conteúdos que contribuam com o desenvolvimento cultural e o diálogo de saberes entre as ciências humanas e naturais em Goiás.

Goiânia, dezembro de 2022

Sandro Dutra e Silva
Editor-chefe

Altair Sales Barbosa
Editor-adjunto

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves
Editor-adjunto

IHGG – Instituto Histórico e Geográfico de Goiás – Rua 82, nº 455,
Setor Sul, CEP 74083-010. Goiânia, Goiás, Brasil.

Telefones: +55 062 3224-4622 / 3224-4941

Portal de Periódicos Eletrônicos – Universidade Evangélica de
Goiás, Avenida Universitária Km 3,5 Cidade Universitária, CEP:
7583-515. Anápolis, Goiás, Brasil.

Telefone: +55 062 3310-6679

Arte da Capa: Victor Marques.

Projeto Gráfico e Editoração da Revista do IHGG Eletrônica:

Lucas Rodrigues Figueiredo, Adriana Sodré Assis, Sandro Dutra e
Silva, 2022.



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Discurso do Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) na solenidade de inauguração da Restauração da Casa Rosada de Goiânia, em 21 de março de 2022

Jales Guedes Coelho Mendonça¹

Agradeço a Deus pela bênção de poder inaugurar, nesta data, a restauração da Casa Rosada de Goiânia e entregá-la à sociedade exatamente no mês de março, o mês das mulheres.

Como a minha posse na Presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) ocorreu durante o auge da pandemia (maio de 2021), o que limitou a presença do público em nosso auditório, inicio o presente discurso com um resumo das palavras então enunciadas.

No Egito antigo, o rei Sesóstris, interessado na expansão de seus domínios, partiu em uma aventura guerreira e realizou façanhas memoráveis, conquistando vários territórios. Ao regressar ao Egito, arrastando atrás de seu exército uma multidão de cativos, o

¹ Doutor em História. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG).
E-mail: jalescoelhomendonca@gmail.com

rei impressionou-se com o chefe de um dos povos escravizados que fitava insistentemente a roda de um dos carros egípcios. Indagando a razão desse olhar fixo, o soberano recebeu a seguinte resposta: “Olho a roda, ó rei, porque estou vendo que a mesma te elevou às culminâncias. Dia virá, porém, em que a roda girará contra o teu destino e aí então serás escravo como eu...”

Na história da humanidade, vários líderes expansionistas que conheceram as maiores glórias também experimentaram em vida o reverso da moeda. Talvez o melhor exemplo repouse em Napoleão Bonaparte, que, na fase de apogeu, chegou a perpetrar um gesto bastante revelador de sua personalidade: na cerimônia de sua sa-gração como imperador da França, no instante em que o Papa se preparava para coroá-lo, ele retirou das mãos do pontífice a coroa, colocando-a em sua própria cabeça.

No entanto, quando a roda do destino de Bonaparte começou a girar para trás, ele foi capaz de produzir uma reflexão de grande lucidez: “Só há duas forças neste mundo: a da espada e a do espírito. No final, o espírito sempre vence a espada.”

Nada representa mais adequadamente o espírito de um povo do que a sua cultura. Inspirados na mesma percepção napoleônica, ou seja, a prevalência e a longevidade da cultura em comparação à guerra e à política, 27 intelectuais fundaram em 1838, no Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), com o objetivo de construir uma identidade para a nova nação que emergia.

Porém, o País continental era composto por diversas regiões, que, por sua vez, ambicionavam contar não só sua contribuição para a formação da América Portuguesa como ainda suas particularidades. Assim, as províncias começaram a replicar entidades similares, mas, em Goiás, o Instituto Histórico e Geográfico surgiu apenas após a avalanche revolucionária de 1930.

Os poderosos ventos da Revolução de 30, sentidos com grande intensidade em Goiás, trouxeram em seu ventre, além da des-

construção do passado imediato e de roldão de sua bicentenária capital, mais dois efeitos visíveis: primeiro, a concretização do plano mudancista, ou seja, a edificação de Goiânia sem, contudo, cumprir a compensação prometida a Vila Boa, e, segundo, a constituição de múltiplas instituições, a saber: a Academia Goiana de Letras; a Associação Goiana de Imprensa; a seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, e o próprio Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Fundado em 1932 na antiga capital e transferido para Goiânia posteriormente, o IHGG, sobretudo pela força de seu presidente, Colemar Natal e Silva, que cumulava ainda a chefia do Ministério Público, conseguiu uma área no coração da nova cidade. Eis que surge, então, a Casa Rosada de Goiânia, primeiro imóvel edificado no Setor Sul.

Senhores e senhoras, ao tomar posse na presidência do IHGG em maio de 2021, percebi que uma das medidas mais urgentes era justamente requalificar a nossa sede original.

Na busca por um parceiro, recebi a visita de várias pessoas, mas foi o diretor de Relacionamento e Inovação do Sicoob UniCentro Br, dr. Diogo Maffia Vieira, quem vislumbrou imediatamente a coincidência de interesses.

Pondo em prática seu gênio estrategista e o sétimo princípio do cooperativismo, dr. Diogo conseguiu agregar simpatia à inovadora ideia, recebendo o aval resolutivo dos diretores da cooperativa, a exemplo dos drs. Raimundo Nonato Leite Pinto, Clidenor Gomes Filho, Rodrigo Naves Pinto, José Humberto Siqueira e Hélio Moreira. A todos vocês, nossa eterna gratidão.

Para aquilatar a dimensão da parceria, basta dizer que desconheço um investimento superior, na área cultural, de natureza exclusivamente privada.

Confesso, de coração na boca, que me comove demais a presente solenidade. Só quem já assumiu o comando de uma entidade sem fins lucrativos e de utilidade pública sabe das dificuldades de

toda ordem que nos assomam, máxime as de natureza financeira. Por isso, Bariani Ortencio sempre salienta, em tom de brincadeira: “Sou o eterno tesoureiro de todas as instituições culturais sem dinheiro em Goiás.”

Para vencer uma série de barreiras e até incompreensões, agradeço imensamente a Deus por ter me dado forças, bem como aos amigos, um tesouro de valor incalculável, e à minha querida família (esposa Iara, meu braço direito de todas as horas há quase 27 anos, meus amados filhinhos Tales e Melissa, nossa maior riqueza, e meus pais, Eduardo Mendonça – falecido em 2020 –, e Fátima Coelho Mendonça, e avó Terezinha Coelho, aqui presentes).

De igual modo, gostaria de externar a todos os integrantes do IHGG minha gratidão pela confiança, de maneira especial ao nosso tesoureiro Pedro Nolasco de Araújo, neto de Leo Lynce, o primeiro poeta modernista de Goiás, que agora passa a emprestar seu nome ao “Café Brasileira Leo Lynce”. De igual modo, ao professor Nilson Jaime, por realizar com notável zelo a curadoria das salas de exposições, sem prejuízo de emprestar sua energia e competência ao nosso ambicioso projeto *Goiás +300*. Ao ensejo, rendo minhas homenagens ainda aos três vice-presidentes do IHGG: dr. Hélio Moreira, Beth Caldeira e Geraldo Coelho Vaz, este, um grande incentivador, orientador e a quem meu genitor também nutria indisfarçável afeição.

Ademais, não poderia deixar de lembrar dos nossos servidores, representados pelo professor Tito Coelho, e ainda do desembargador Rogério Arédio, falecido ano passado, entusiasta da criação da hemeroteca digital.

Sem embargo, agradeço ainda ao governador Ronaldo Caiado e ao secretário César Moura, pelo apoio que vêm dando a todas as entidades culturais no tocante aos servidores, esteio sem o qual seríamos obrigados a fechar as portas.

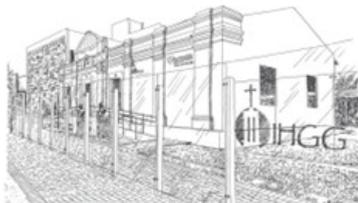
Ao prefeito de Goiânia, Rogério Cruz, e ao secretário Zander

Fábio, expresso meu reconhecimento pela doação das estantes deslizantes, que proporcionaram um grande salto de qualidade na conservação de nosso acervo. Consigno igualmente, nesse tema, o importante respaldo do presidente do Tribunal de Justiça, Carlos França.

Cumprimento, por derradeiro, o presidente da Adial e da São Salvador Alimentos, José Garrote, pelo valioso apoio.

Por fim, em tempo de guerra, encerro com a esperança de que o espírito sempre vença a espada.

Viva Goiás!



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Discurso do Governador de Goiás na solenidade de inauguração da Restauração da Casa Rosada de Goiânia, em 21 de março de 2022

Ronaldo Caiado²

Boa noite, aos senhores e senhoras!

É uma alegria enorme estar neste evento na noite de hoje. Podemos dizer que este é um evento da reconstrução da Casa Rosada, a nossa sede do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). Quero saudar o sr. prefeito Rogério Cruz, e também ao presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, o Doutor Jales Mendonça. Já conversamos várias vezes e sou um admirador da sua dedicação, do seu empenho e da sua cultura e também por aquilo que ele move, que é retratar Goiás com orgulho e dedicação. Eu tenho uma admiração enorme por você, Doutor Jales, que dedica grande parte do seu dia, como também da sua inteligência, a poder elevar o Estado de Goiás ao *status* que ele merece. Meu reconhecimento e meus cumprimentos. Aqui falo em nome do povo goiano.

² Governador de Goiás.

Quero saudar também a presença da sua esposa, Iara, e de seus filhos, Tales e Melissa. O diretor-presidente do Sicoob (Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil), Raimundo Nonato, e sua esposa. Cumprimento também o conselheiro e secretário nacional aqui do Ministério Público, Carlos Vinícius, representando o procurador Augusto Aras. Aos deputados estaduais que tanto me ajudaram a governar Goiás. Muito obrigado, Henrique Arantes, Cairo Salim e Virmondés Cruvinel. Agradeço aos desembargadores Luiz Cláudio, Ney Teles e Itaney Campos, que hoje preside o nosso Tribunal Regional Eleitoral; aos juizes de Direito Abílio Neto e Cláudio Henrique; aos ex-deputados Daniel Vilela e Vilmar Rocha; à procuradora do Estado Juliana Prudente; ao secretário César Moura; ao Henrique Ziller; e também ao presidente da Fecomércio, Marcelo Baiocchi; e ao Leopoldo Veiga Jardim, diretor regional do Sesc-Senac; aos vereadores Anselmo Pereira e Leandro Sena. Ana Paula Rezende e seu esposo, Frederico, aqui, com muita honra, guardando a história e preservando a memória do nosso querido Iris Rezende.

Ao chegar ao governo, um dos meus primeiros atos foi resgatar a Secretaria de Cultura, que era apenas uma subsecretaria na Secretaria de Educação. A cultura não pode ter um *status* menor do que as demais outras secretarias. Esse foi o primeiro ato meu como governador. Restabeleci aquilo que é fundamental para todos nós, ou seja, o apoio à cultura. A partir daí, podemos também dar certeza a todos aqueles que investem na cultura que eles terão 100% dos compromissos cumpridos pelo meu governo. Nós quitamos todas as dívidas de 2015, 2016, 2017 e 2018, no valor de R\$ 60 milhões. Hoje não tem um prêmio, não tem um evento em Goiás que não seja quitado em dia. Já foram ressarcidos todos aqueles que tinham a receber do governo de Goiás.

O terceiro ponto é aquilo que já foi citado aqui pelo doutor Jales Mendonça. Todas essas entidades na área da cultura, elas não se sustentam por si sós. E foi um ponto que determinei que, enquanto governador do Estado de Goiás, arcaremos com toda a responsabili-

dade de pagamento de todos aqueles que são colocados à disposição das instituições que aqui vocês representam na área da cultura. Isso é fundamental para que possamos cada vez mais avançar em tudo isto, no apoio definitivo às instituições culturais de nosso Estado.

Eu sempre fui um apaixonado por História, e ao chegar aqui ao governo, sempre tive uma preocupação enorme com o fato de que a cultura, às vezes o conhecimento da história de Goiás estivesse tão distante do cidadão, tão distante do aluno. Realmente me preocupa sobremaneira essa solução de continuidade que existe entre o aluno na escola e o dia a dia do conhecimento da história do Estado de Goiás. E é isso que eu tento cada vez mais buscar, primeiro investindo fortemente na educação. Talvez, eu não tenho dúvida de que, só na área da educação, foram mais de R\$ 3,2 bilhões investidos em três anos e dois meses de governo, no sentido de dar autoestima às nossas crianças para que elas tenham a condição, independente da sua situação social, de ter uma escola pública que seja referência, como já foram as escolas estaduais do nosso Estado, a exemplo do Liceu de Goiânia e do nosso Liceu de Goiás. Me lembro bem que saí de Goiás para fazer prova na Escola Estadual de Belo Horizonte, que dava ali condições de podermos passar no vestibular de Medicina. Existia uma estrutura nas escolas estaduais que era reconhecida nacionalmente. Sem dúvida, as escolas públicas precisam de resgatar essa condição. Temos investido muito para que o aluno se preocupe cada vez mais com sua formação e tenha nas escolas públicas as condições adequadas para isso.

Se interessar pela educação é algo que tem mostrado um quadro onde a nossa preocupação e investimentos vão surtir resultados diretos daqui a 10 a 12 anos. Mas eu tenho a consciência de que, ao investir na educação, como estamos investindo, melhoraremos a condição do jovem para enxergar na sua escola uma condição digna. Com a instalação de todos os laboratórios instalados de física, química, biologia, de informática, de robótica, daremos aos nossos

jovens o que têm de melhor para terem acesso à informação e ao conhecimento. Com essas ações, nós estamos motivando essas crianças e jovens. Eu tenho também lutado muito, junto aos diretores e diretoras, para que, por favor, levem nossas crianças a visitar museus, a conhecer a história, a conhecer os grandes artistas de Goiás, a poder ter uma cultura geral que não restrinja apenas àquilo que estudam sobre matemática, física, química, biologia. Que possam ver também a riqueza histórica da nossa querida e histórica Cidade de Goiás. Que possam presenciar toda a cultura de uma Semana Santa como acontece na nossa querida e antiga capital, a Cidade de Goiás, que guarda muita cultura do nosso Estado. Participar de evento que tem muito de religioso sim, mas que guarda muito de nossa cultura em Goiás. Então, tem sido algo que me motiva a trabalhar. Eu me lembro bem quando cheguei, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Jaraguá, estava desabando e conseguimos fazer a recuperação completa dela. Se vocês puderem visitá-la, vocês vão ver ali o que tem de arte sacra que foi recuperada, que é um dos melhores museus que nós temos hoje na cidade de Jaraguá.

Destaco também como sou apaixonado pela nossa querida Cidade de Goiás. Percorrendo a estrada que era a antiga Estrada do Ouro, Estrada Boiadeira, ou Estrada Imperial, como queiram alguns, caminhando ali por Ouro Fino, vi exatamente o gado passando entre as paredes da igreja de Ouro Fino. A primeira coisa que eu fiz foi realmente mandar cercar aquela área e estamos tentando fazer tudo para resgatar aquilo que faz parte da história de Goiás que tanto nos empolga.

Chegar a Buenolândia neste momento também, que foi vitimada por uma das enchentes, podemos vê-la agora recuperada. A Buenolândia é parte da história da nossa querida Cidade de Goiás. Enfim, venho andando pelo interior do Estado e promovendo essa interação entre aquilo que é a cultura do nosso povo junto com nossas crianças e jovens.

A partir de um evento como este, de um local como este, es-

peramos que a Casa Rosada possa ser visitada por muitos e muitos alunos, por nossas crianças e jovens. Vou solicitar e motivar que os diretores das nossas escolas possam marcar uma agenda de visitas a espaços importantes de nossa cultura. Importante que tenham conhecimento também do Museu Zoroastro, como da beleza de uma Praça Cívica, que em breve estará totalmente recuperada, como outros sítios em Goiás que cada vez nos encantam mais.

Então, Jales, eu quero deixar aqui o meu agradecimento e dizer que conte com o governador do Estado. Sempre tive um orgulho enorme de Goiás e de nossa cultura. Mesmo estudando muitos anos fora, jamais perdi sequer o sotaque.

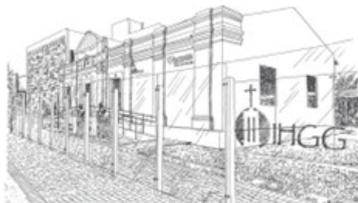
Quero lembrar também desse importante trabalho do Sicoob. Quero fazer aqui os agradecimentos como governador do Estado de Goiás. Eu fui seis mandatos deputado federal e também senador da República e tive uma oportunidade naquela época de enfrentar um *lobby* muito forte da Federação Brasileira de Bancos (Febraban). O Banco Central não autorizava ter cooperativas de crédito. Vocês não imaginam o que foi essa luta e depois de muitos anos em vários embates no plenário da Câmara dos Deputados, nós fizemos com que o Banco Central tivesse que reconhecer as cooperativas de crédito no País. A partir daí, nós tivemos a oportunidade de ver aqui em Goiás a importância de iniciativas como essa. Graças a esse espírito que é o do cooperativismo, tem sido possível ampliar as nossas ações e fazer com que haja um tratamento de igualdade e de melhoria da qualidade de vida daqueles que não têm uma estrutura maior.

O cooperativismo é, indiscutivelmente, uma das formas de avançarmos em tudo e podermos ampliar a qualidade de vida das pessoas em todos os setores. Exemplo disso é o que vocês estão mostrando e, ao cumprimentá-los, cumprimento também por aquilo que vocês assumiram no nosso Estado de Goiás, que foi a recuperação do prédio. Está aqui uma agência. Eu não acredito em reforma de prédio que não tenha junto a ela uma estrutura como vocês mon-

taram. Ou seja, tem aqui uma agência bancária, tem ali um café, tem um local de encontro. Isso aqui jamais será dilapidado, como foi a condição deste prédio que o presidente Jales recebeu. Isto é a luta que eu tenho. Eu tenho certeza de que o Sicoob também vai me ajudar a assumir o Teatro de Pirenópolis. Daqui a pouco nós vamos ter outras áreas para também repassar não só ao Sicoob, é lógico, mas a todos os empresários que, querendo ou não, tiveram bons benefícios da série de incentivos fiscais no Estado de Goiás. Eu tenho certeza que cada vez mais veremos aflorar nesses empresários o espírito da cultura em Goiás para que eles possam retribuir resgatando esses prédios, resgatando aquilo que é a nossa cultura e que eu tenho lutado muito e não consegui até agora.

É uma frustração que eu tenho que confessar. Mas, desde o dia em que eu cheguei ao governo, eu quero restabelecer a nossa Pedra Goiana na Serra Dourada. Eu já estive lá por várias vezes com vários engenheiros, professores na área de engenharia, para podermos resgatar aquela pedra. Eu, desde a minha infância, sei o que é percorrer aquilo ali. Sou encantado por aquele nosso Goiás, o nosso Cerrado, as nossas serras e belas paisagens. Enfim, é uma paixão que eu tenho em poder ver aquela pedra de novo no seu local, já que eu tive como criança a oportunidade de visitá-la e admirá-la exatamente como existia.

Então, tudo isso, gente, eu acho que só existe no momento em que nós temos uma parceria como essa. Quero colocar o governo do Estado sempre à disposição para que seja parceiro e que cada vez mais possamos motivar nossas crianças, nossos jovens, para se interessarem mais pela história, pela geografia e pela cultura de Goiás. E nós teremos, a partir daí, milhares de Jales que vão continuar levando a cultura de Goiás ao pódio, à condição que ela merece. Um boa noite a todos vocês. Meus agradecimentos. Muito obrigado!



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Discurso do Prefeito de Goiânia na solenidade de inauguração da Restauração da Casa Rosada de Goiânia, em 21 de março de 2022

Rogério Cruz³

Boa noite a todos os presentes, senhoras e senhores! Quero cumprimentar nosso líder maior do Estado de Goiás, governador Ronaldo Caiado, e parabenizá-lo pelo trabalho que tem feito por nosso Estado. O governador sempre está apoiando a nossa cultura e a memória de nosso povo. No entanto, a nossa parceria não é somente na área cultural, mas em todos os aspectos no Estado de Goiás. O senhor também sempre está nos apoiando na cidade de Goiânia, a nossa grande capital. E daqui podem surgir muitos caminhos.

Governador, nós estamos falando aqui da Praça Cívica, mas têm muitos caminhos a seguirmos juntos para que o centro de Goiânia possa ser revitalizado. Temos boas e grandes memórias do nosso Estado de Goiás aqui em Goiânia, cuja preservação é papel de todos nós.

³ Prefeito de Goiânia.

A entrega deste prédio revitalizado reflete o firme compromisso do IHGG com a memória do nosso povo e da preservação das joias do nosso Estado. Tenho plena convicção de que estas paredes guardarão, a partir de hoje, capítulos bonitos da transformação que temos promovido em Goiânia e, de igual forma, do bom que se planta e que se colhe em Goiás.

Quero cumprimentar meu amigo deputado Henrique Arantes, neste ato representando a Assembleia Legislativa de Goiás. Cumprimentar Carlos Vinícius Alves, secretário-geral do Conselho Nacional do Ministério Público, neste ato representando o procurador-geral da República, Doutor Augusto Aras. Seja bem-vindo! Cumprimentar os nossos desembargadores Itaney Campos, Ney Teles e Luís Cláudio. Cumprimentar o nosso amigo Raimundo Nonato, diretor do Sicoob UniCentro Br (Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil). O Clide-nor Gomes Filho, presidente do Conselho de Administração do Sicoob UniCentro Br; meu amigo Handerson Pancieri, jornalista, e também cerimonialista deste evento. Quero cumprimentar a doutora Ana Paula Rezende e seu esposo, Frederico, prazer em revê-los. E todos os presentes, sintam-se contemplados com os meus cumprimentos.

Para abreviar mais o nosso evento, eu gostaria de fazer um cumprimento todo especial, por último, e não menos importante, ao Doutor Jales Mendonça, esse amigo que tenho o prazer de estar sempre com ele. Na segunda vez que eu estive no Instituto, foi na sua posse como presidente do IHGG. Aproveito, então, e cumprimento a sua família, a sua esposa, dona Iara Mendonça, os filhos Tales e Melissa, e também os seus pais, que estão aqui presentes.

Ao visitar este espaço, pude observar os livros e os mandamentos históricos do nosso Estado, da nossa cidade. Ali, naquela salinha, uma estante maravilhosa que fiquei admirado diante das obras de Ruy Barbosa. Há literaturas importantes que nos fazem lembrar, verdadeiramente, a nossa cultura, a história do nosso País, e do nosso Estado.

Senhoras e senhores, quero ser muito breve. Mas fico aqui pensando, governador, eu acho que quando essas imagens desta noite chegarem ao Rio de Janeiro, vamos ter problema. A escola de samba Mangueira vai querer vir para cá, porque ali é verde e aqui é rosa. Então, temos que nos preparar, pois a Mangueira vai querer dar uma passada por aqui.

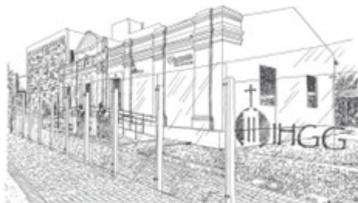
História é para ser mostrada. História é para ser dita. Goiás tem história. Goiânia tem história. Eu me sinto feliz e honrado em poder estar administrando a capital do Estado de Goiás. E por que não dizer ao governador e a todos os amigos aqui do grupo Sicoob? Nós temos o nosso projeto de revitalização do Centro de Goiânia, iniciando aqui pela Praça Cívica. Nesse sentido, o nosso Plano Diretor já vem trazendo grandes expectativas para nossa cidade de Goiânia, o nosso centro.

Em Goiânia, como todos nós sabemos, temos no Centro um dos maiores acervos de Art Déco do mundo. Goiânia abriga o segundo maior acervo do mundo. Só perdemos para Miami. Acredito que temos todos os modelos de Art Déco da nossa cidade de Goiânia e que serão, muito em breve, demonstrados aos goianos e a todos que visitarem a nossa Capital. Isso contará com o apoio e uma parceria muito grande que nós temos com todos que têm interesse de valorizar as histórias verdadeiras da nossa cidade de Goiânia. Então, fica aqui nossa gratidão ao Doutor Jales e, também, a todos os componentes do Grupo Sicoob. Para nós, é uma alegria muito grande falar sobre o grupo Sicoob.

Eu quero aqui deixar essa mensagem ao Doutor Jales e dizer que o nosso interesse no município de Goiânia é sempre participar e caminharmos juntos para fazer o melhor para guardar a história de Goiás e da Capital.

Eu me sinto feliz de poder estar aqui, honrado, em meio a tantas pessoas que fazem e outras que fizeram história na nossa cidade e no nosso Estado.

Que Deus possa abençoar a todos nós, abençoar a cidade de Goiânia, no nosso Estado de Goiás. Deus abençoe a todos. Boa noite!



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Discurso do Presidente do Conselho de Administração do Sicoob UniCentro Br na solenidade de inauguração da Restauração da Casa Rosada de Goiânia, em 21 de março de 2022

Clidenor Gomes Filho⁴

Boa noite a todos!

Em primeiro lugar, me dirijo à mesa e peço permissão ao desembargador Itaney e ao deputado Henrique Arantes para me dirigir de forma especial ao governador Ronaldo Caiado e ao prefeito de Goiânia, Rogério Cruz. Nessa saudação e nessa reverência às autoridades dos Três Poderes, uma saudação especial também ao Dr. Jales Mendonça. É uma pessoa que demonstra, nesse período em que está à frente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), dinamismo e empreendedorismo, capacidade de realização que está fazendo a diferença para o Instituto Histórico e Geográfico e para a cultura no Estado de Goiás. Queria fazer também um cumprimento aos meus colegas cooperativistas. Temos

⁴ Presidente do Conselho de Administração do Sicoob UniCentro Br

aqui muitos colegas estimados e estimados do cooperativismo. Mas peço a permissão de todos para fazer uma reverência especial ao Dr. José Abel Ximenes, que é uma pessoa que tem uma representatividade imensa para o cooperativismo de Goiás. Peço permissão ao governador, ao prefeito, ao senhor desembargador, ao senhor deputado, para que a gente faça aqui um breve momento, uma breve, uma breve cerimônia de posse na presidência do Instituto Cultural Centro Brasileiro. Esse Instituto foi criado há seis anos por ideia do Dr. Hélio Moreira, que foi o seu primeiro presidente, e desde então o Instituto Cultural, sob a regência, sob a direção, sob a inspiração, sob a liderança do Dr. Hélio Moreira, realizou muito pela cultura de Goiás, em muitas diferentes, pequenas e maiores, algumas pequenas, outras maiores iniciativas, culminando com essa situação que nós estamos vivendo aqui hoje.

A posse deveria ter acontecido algumas semanas atrás e exatamente coincidiu com o recrudescimento da pandemia. Nós não pudemos fazer isso. Por isso eu peço a permissão de todos, às senhoras e senhores e às autoridades presentes, para, num momento simbólico, fazer aqui a transmissão da posse pública da presidência do Dr. Hélio Moreira para o Dr. Fernando Cupertino, nosso colega que também tem uma história belíssima aqui na medicina, na Secretaria de Estado da Saúde e na área cultural. Eu peço ao Dr. Hélio Moreira e ao Dr. Fernando que se levantem por um minuto para receber as palmas de todos nós. Obrigado, Doutor Hélio Moreira! Obrigado, Doutor Fernando Cupertino! E já encerrando a minha fala, eu queria me dirigir mais uma vez ao senhor governador e ao senhor prefeito, com a permissão do desembargador e também do deputado, para fazer uma lembrança daquela história, daquela lenda. A história e lenda se confundem um pouco na questão do Anhanguera. Ao longo desses 300 anos, nós todos, que prezamos tanto pela goianidade, aprendemos lá na escola primária e ao longo de toda a vida a importância da vinda desses bandeirantes. A

história da transfusão que essas pessoas trouxeram para Goiás, da cultura da época, da economia, da capacidade, enfim, de realização. E nos acostumamos, ao longo desses 300 anos, a saber que o fluxo vinha de São Paulo para cá. E aí, governador, eu queria compartilhar com o senhor uma informação que talvez não seja tão difundida atualmente, algumas poucas organizações que estão fazendo inverter o fluxo.

Essa nossa cooperativa, Sicoob UniCentro Br, nascida aqui 30 anos atrás, com apenas 32 membros e que hoje tem mais de 65.000 associados, está fazendo inverter o fluxo. Três anos atrás, nós tivemos a oportunidade de acolher três pequenas agências de uma pequena cooperativa no Noroeste de São Paulo, lá na região de Votuporanga. Logo em seguida, pudemos expandir para a região de Campinas, Americana, Piracicaba, a segunda região mais rica de São Paulo, de forma que em poucos meses nós tínhamos 14 agências aqui no centro do Brasil e 14 agências lá em São Paulo. E agora, em que nós estamos inaugurando esta que é a quinquagésima quarta agência da cooperativa, nós podemos dizer que a maior parte das nossas agências está lá em São Paulo, de forma que fica mais ou menos evidente que o fluxo começa a se inverter. E isso não é uma coisa trivial. Todos nós, desde pequenos, aprendemos que o fluxo é de lá para cá. É um motivo de orgulho para nós, não de empáfia, não de prepotência, não de arrogância, mas é de um justificado orgulho que a gente possa dizer, compartilhar entre nós, goianos, essa satisfação. Com essas palavras, eu agradeço, mais uma vez, a atenção de todos e quero fazer uma saudação a todos os membros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e mais uma vez cumprimentar meus colegas cooperativistas, e com isso agradeço a atenção de todos. Obrigado! Boa noite!



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Discurso do Diretor-presidente do Sicoob UniCentro Br na solenidade de inauguração da Restauração da Casa Rosada de Goiânia, em 21 de março de 2022

Raimundo Nonato Leite Pinto⁵

Boa noite a todos e a todas! Gostaria, no nome do nosso governador Ronaldo Caiado, nosso prefeito Rogério Cruz, de cumprimentar a todas as autoridades presentes na mesa, presentes aqui na plateia, tanto as federais como estaduais e municipais; secretários, procuradores, todas essas pessoas que são muito importantes para nossa sociedade na gestão dos recursos públicos. Um agradecimento muito especial aqui pela presença dos cooperativistas, dirigentes cooperativistas, de uma maneira muito especial ao Doutor Clidenor Gomes, que é presidente do nosso Conselho de Administração e da nossa Central Sicoob UNE. Há aqui outras autoridades presentes e quero destacar o Marcelo Baiocchi e o Sérgio, que é presidente da Unimed Goiânia. Está aqui toda a

⁵ Diretor-presidente da cooperativa de crédito Sicoob UniCentro Brasileira e médico infectologista.

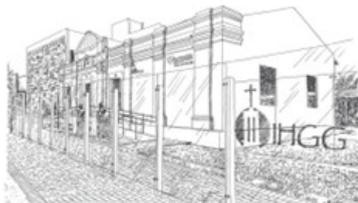
diretoria da Unimed Goiânia. Doutor Luiz, que foi da Unimed Goiânia muito recentemente, e as procuradoras Tatiana e Juliana. Muito obrigado. Há pouco tempo nos deram a honra também de visitar a nossa cooperativa. Cumprimento demais autoridades, senhores e senhoras. Agora, de uma maneira muito especial, uma saudação aqui às mulheres, representadas aqui pela minha esposa. Cumprimento a todas as mulheres presentes. O Sicoob tem uma preocupação muito grande na valorização da mulher, inclusive na gestão investimos bastante nisso e realmente temos melhorado muito com o apoio das mulheres. E também saudamos os homens cooperados aqui presentes, conselheiros de administração, conselheiros fiscais que nos ajudam muito na nossa cooperativa, com nossos colaboradores. Enfim, a todas as pessoas que compõem o nosso sistema de cooperativismo no Brasil e de uma maneira muito especial aqui no Estado de Goiás.

Gostaria de fazer uma menção também muito especial aqui a nosso quinteto de diretores. Além de mim, que sou o diretor-presidente, destaco o Doutor Diogo, que é o diretor de Relacionamento; Doutor Rodrigo Naves, ao Valmir, que está presente ali também. E ao Evandro Freire, que é o outro, o quinto componente da nossa diretoria, que tem sido responsável por grandes feitos. Além do apoio dos conselheiros e dos conselheiros de administração e conselheiros fiscais. Um agradecimento muito especial à dupla de jovens gestores Doutor Jales Mendonça, que nos abriga aqui – muito obrigado por abrigar uma agência do nosso Sicoob UniCentro Br aqui no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) –, e ao Doutor Diogo Mafia, pela iniciativa importante dessa obra e dessa parceria estratégica. E destaco o Doutor Rodrigo Naves, bem como os colaboradores envolvidos na execução do belo projeto de revitalização do IHGG, a nossa Casa Rosada. Ressalto a parceria entre o UniCentro Br e o IHGG, que vem desde a gestão do Dr. Hélio Moreira, também presente aqui e que muito nos honra com a sua presença. Na época

em que o Doutor Hélio estava na Academia Goiana de Letras (AGL) e também aqui no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, estabelecemos uma profícua parceria institucional, culminando agora com a reforma do prédio e a instalação de uma agência de nossa cooperativa no local.

É a quinquagésima quarta agência de nossa cooperativa nos quatro Estados que atuamos. E seria um local cuja ação principal será o relacionamento com os cooperados e frequentadores do IHGG. A UniCentro Brasileira é uma cooperativa financeira, tendo como um de seus objetivos agregar renda aos associados. Nunca poderemos nos esquecer disso. Nós somos uma instituição financeira, então temos que agregar renda aos nossos cooperados. E desde a sua criação, há 30 anos – que faremos agora no dia 3 de junho de 2022 –, faz isso muito bem, gerando a satisfação e com distribuição de sobras, que são os resultados financeiros.

Durante 30 anos seguidos, sempre temos resultados positivos que chamamos de sobras. Resultados esses muito representativos e crescentes. Mas não fazemos só isso. Somos uma empresa cooperativa regida por princípios – o governador Ronaldo Caiado os conhece muito bem, pois é um cooperativista do Sicoob –, dos quais destacamos o sétimo, já mencionado anteriormente pelo Doutor Jales, que é o interesse pela comunidade. Portanto, as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável das comunidades onde estão inseridas e prezam por projetos que sejam economicamente viáveis. Esses projetos têm que ser avaliados ambientalmente corretos e socialmente justos. Penso que estamos colocando em prática o princípio sétimo com essa parceria e estamos todos imensamente contentes com isso. Boa noite a todos e muito obrigado pela oportunidade!



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Discurso do Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) na solenidade de posse dos novos sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), em 2 de agosto de 2022

Jales Guedes Coelho Mendonça⁶

Em 1838, pouco após a Independência do Brasil, 27 intelectuais fundaram, no Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), com o objetivo de construir uma identidade para a nova nação que surgia.

Dando concretude a essa meta, o IHGB lançou um concurso, vencido por Carl Von Martius com a tese intitulada “Como se deve escrever a história do Brasil”. Nela, Martius defendeu que as narrativas históricas deveriam enfatizar o cruzamento racial e cultural entre brancos, negros e índios – traço singular de nossa população em relação às demais.

Mas o País continental era composto por diversas regiões, que, por sua vez, ambicionavam demonstrar não só sua contribui-

⁶ Doutor em História. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG).
E-mail: jalescoelhomendonca@gmail.com

ção para a formação da América Portuguesa como também suas realizações e particularidades. Nessa direção, as províncias buscaram então replicar similares instituições em seus territórios, a começar pela criação, em 1862, do pioneiro Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco. No mesmo ano, o presidente da província de Goiás, Caetano Filgueiras, tentou instalá-lo igualmente em solo goiano, porém a iniciativa não prosperou, vingando apenas 70 anos depois.

De 1932 até hoje, são 90 anos de dedicação do IHGG a Goiás e ao Brasil. Em celebração a esse significativo jubileu, inauguramos em março passado a restauração da Casa Rosada de Goiânia – primeira construção no Setor Sul – e a reforma deste prédio, graças a uma parceria inovadora estabelecida com a cooperativa Sicoob Uni-Centro Br, que subsidiou integralmente as referidas obras, orçadas em R\$ 2,5 milhões. Eis o maior investimento privado em cultura do Estado.

Não poderia deixar de registrar ainda a valiosa doação da Prefeitura de Goiânia e do Tribunal de Justiça ao IHGG de 28 módulos de estantes deslizantes, que nos propiciaram a conservação adequada de nosso rico acervo, além da otimização de espaço. Com isso, esvaziamos o primeiro andar e brevemente o transformaremos em uma sala de exposição integrada a um circuito cultural a ser percorrido pelas escolas no Instituto.

A hemeroteca digital do IHGG já se encontra no ar com a disponibilização na internet de jornais e revistas de 27 municípios goianos. Com a recente doação dos jornais *Cinco de Março* e *Diário da Manhã*, nosso objetivo agora será digitalizá-los e assim robustecer a nossa hemeroteca.

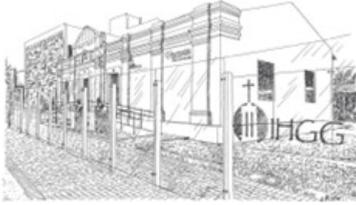
Ademais, o já mencionado projeto *Goiás +300*, levado a efeito conjuntamente com a Sociedade Goiana de História da Agricultura, marcará o ano de 2022 e produzirá bons frutos. Em sua homenagem, a empresa BaladaAPP, nossa parceira, patrocinou a confecção

de um painel de 1.200 azulejos que ostentará diversas imagens de Goiás e que está sendo confeccionado.

Como se vê, muitos desafios ainda merecem nosso intenso trabalho voluntário, que agora será fortalecido com o ingresso de 29 novos intelectuais (18 sócios titulares: Ademir Ribeiro Hamú, Alexandre Ramos Caiado, Aline Santana Lôbo, Andréa Luísa de Oliveira Teixeira, Augusto César Rocha Ventura, Eliézer Cardoso de Oliveira, Hamilton Inácio Carneiro, Jales Rodrigues Naves, João Guilherme da Trindade Curado, Luiz Cláudio Veiga Braga, Luiz de Aquino Alves Neto, Maria de Fátima Gonçalves Lima, Murah Ranier Peixoto Vaz, Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves, Simone Cristina Schmaltz de Rezende e Silva, Tereza Carolina Lôbo, Tiago Ribeiro Machado e Valterli Leite Guedes) e 11 sócios correspondentes: Adão Francisco de Oliveira, Adão Divino Batista, Cida Sanches, Elaine Maria Machado Barbosa, Euclides Alves de Oliveira Souza, Flomar Ambrosina Oliveira Chagas, Luciano Roriz, Maria Elizabeth Costa, Pedro Augusto Diniz Silva, Rafael Ribeiro Bueno Fleury de Passos e Sidney Pereira de Almeida Neto.

Caros novos membros, sejam bem-vindos ao IHGG. Espero que essa nova poderosa legião de intelectuais, que ora ingressa na instituição, ajude-nos a impulsionar ainda mais o IHGG, transformando-o no melhor Instituto Histórico e Geográfico do País.

Acredito nesse sonho e os concito a sonharmos todos juntos. Conto com o apoio e a ajuda valiosa de todos. Que Deus nos abençoe!



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Discurso do historiador Eliézer Cardoso de Oliveira na solenidade de posse como sócio titular do IHGG, em 2 de agosto de 2022

**Qual o sentido de pertencer a uma instituição cultural como o
IHGG?**

Eliézer Cardoso de Oliveira⁷

Bom dia a todos!

Quero agradecer a oportunidade de expressar em palavras o contentamento de participar desta solenidade, junto com os outros colegas que foram selecionados como sócios titulares e correspondentes desta tradicional instituição cultural de Goiás.

Se eu tivesse sido convidado para participar de uma associação filantrópica qualquer, provavelmente o meu discurso seria apenas para agradecer e enaltecer a instituição. Contudo, não é o caso

⁷ Doutorado em História. Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). E-mail: ezi@uol.com.br

do IHGG, que congrega intelectuais, e, todos sabem, uma das principais características de um intelectual é a sua capacidade de fazer uma reflexão crítica sobre o mundo a sua volta e sobre si mesmo.

Por isso, eu quero aproveitar esse momento ritualístico para responder à seguinte pergunta: qual o significado social de participar de uma instituição tradicional como essa no ano de 2022?

Para fazer essa oportuna reflexão sobre a atualidade ou não dos Institutos Históricos e Geográficos, eu vou pedir a ajuda de um sociólogo francês, um dos maiores intelectuais do século XX, o meu camarada Pierre Bourdieu.

Fazendo uma síntese entre Marx, Weber e Durkheim, Bourdieu mostrou que a sociedade é constituída por “campos sociais”. Campo social é um espaço em que as pessoas competem entre si por bens simbólicos. Essa é uma grande sacada de Bourdieu: os seres humanos, diferentemente dos outros animais, precisam de símbolos para dar sentido à sua vida. Só sexo, comida e abrigo não bastam para nós! Por isso há o campo da Religião, onde as pessoas disputam posições na hierarquia do sagrado. Há o campo da Política, onde se disputa o poder, desde o poder de um simples vereador de uma pequena cidade até o poder imenso de um presidente da República. Há o campo da Estética, em que as modelos e os modelos disputam entre si quem tem o maior capital estético. Há o campo da Economia, o mais importante na nossa sociedade atual, em que acumular riquezas é o objetivo último dos participantes. E há o campo da Cultura, em que as pessoas se mobilizam para participar das diversas instituições culturais: Academia Brasileira de Letras, União Brasileira dos Escritores, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Cada um desses campos tem a sua própria moeda ou, na linguagem de Bourdieu, o seu próprio capital simbólico. O capital simbólico da religião é muito diferente do capital simbólico da estética: ninguém foi escolhido Papa por ter um rosto bonito e, por outro lado, ter uma fé abnegada não é relevante para uma moça ganhar o título de Miss Univer-

so. Para entrar aqui no IHGG, pelo menos segundo os critérios estabelecidos no Edital de Seleção, cuidadosamente avaliados pelos senhores Nilson Jaime, Abílio Wolney e Pedro Nolasco, não se levou em conta a classe social, a fé religiosa ou a aparência estética dos candidatos ou candidatas. O capital simbólico valorizado aqui é a experiência e a atuação nos aspectos históricos ou geográficos da cultura goiana.

Há uma característica dos capitais simbólicos que resulta em profundas consequências sociais: os capitais simbólicos são raros, o que acarreta numa competição pela sua posse. Existem muitos cientistas no mundo, mas apenas alguns poucos conseguem ganhar um Prêmio Nobel. Existem muitos praticantes de natação, mas apenas uns poucos conseguem ganhar medalhas olímpicas. Existem muitos intelectuais em Goiás, mas nem todos fazem parte do IHGG.

A sociologia de Bourdieu nos mostra que o mundo é desigual, não apenas em termos de classes sociais, mas também em termos de capitais simbólicos. Em cada campo social há os dominantes – aqueles que têm muito capital simbólico – e os dominados – aqueles que têm pouco capital simbólico.

E a distinção hierárquica entre dominantes e dominados é feita por meio de troféus e rituais de consagração. Entre os militares, basta comparar o uniforme de um general com o de um soldado para se descobrir quem domina quem. Nas artes marciais, como a nossa brasileiríssima capoeira, o dominante usa um cordão branco na cintura, enquanto os dominados usam cordões coloridos. No mundo intelectual, seja no mundo acadêmico, as diferenças são mais sutis, pois elas não se expressam visualmente, mas principalmente por meio de designações de tratamento: mestre, doutor, pós-doutor, nas universidades; sócios titulares, sócios eméritos, sócios beneméritos e sócios correspondentes, nos institutos históricos.

Cada campo social tem suas próprias regras – o *habitus* –, como diria Bourdieu. O *habitus* é uma forma específica de se comportar dentro de um campo. Entrar sem camisa num Tribunal é

uma grave infração das regras do campo jurídico, mas é um *habitus* comum para um concurso de beleza masculino. Chamar alguém de cavalo é um elogio numa academia de musculação, mas é uma indelicadeza numa Academia de Letras.

Um campo social é formado pelo comportamento das pessoas que agem orientadas por normas, regras ou costumes. Um campo social só existe quando os integrantes, ou seja, os dominantes e os dominados aceitam as suas normas. Quando as pessoas não aceitam mais o *habitus* de um determinado campo, ele simplesmente desaparece. É o que está acontecendo com o campo social dos entusiasmados por brigas de galo, que, felizmente, em minha opinião, está em vias de desaparecer por falta de jogadores. Isso pode acontecer com qualquer coisa humana: se nós não acreditarmos mais no IHGG, ele pode desaparecer um dia.

Os campos sociais são microcosmos autônomos com regras próprias, mas eles não estão isolados da sociedade em geral. Os campos sociais têm uma autonomia relativa, lidando de modo particular com as forças sociais externas. Por exemplo, o racismo contra os negros infelizmente existe em nossa sociedade, mas cada campo social vai absorver o racismo de forma diferenciada. Ele vai ser muito maior entre os médicos do que entre os lutadores de boxe. O capital-dinheiro é uma força social poderosa no mundo capitalista e quase tudo que pretendemos fazer requer um gasto financeiro. Mas há campos sociais em que o dinheiro é mais decisivo do que em outros. É preciso muito mais dinheiro para se tornar um Ayrton Senna do que para se tornar um Machado de Assis.

Por outro lado, é possível converter o capital simbólico em capital dinheiro. Aqui eu quero citar um louvável exemplo desta instituição. A gestão do atual presidente, o senhor Jales Mendonça, conseguiu converter o capital cultural do IHGG em capital dinheiro, angariando recursos para uma urgente reforma do prédio, que corria risco de desabar, e financiamento para projetos importantes,

como a digitalização de documentos para a hemeroteca. Foi uma façanha admirável, já que a sociedade em geral não reconhece a importância histórica e cultural desta casa. Não sei como o presidente conseguiu convencer os empresários – geralmente pessoas muito pragmáticas com dinheiro – a trocarem vultosas quantias financeiras por um reconhecimento social de mecenas desta casa.

Não é fácil fazer essas conversões de capitais, porque existe uma espécie de estranhamento entre os campos. Troféus e rituais de consagração, que são muito valiosos em um campo, possuem um reconhecimento muito baixo em outro. Saber dançar bem é um capital simbólico muito importante para jovens baladeiros, mas essa habilidade vai ser irrelevante para alguém que quer conquistar um emprego num banco.

Quando eu disse, todo empolgado, para a minha filha Nicole, uma adolescente de 13 anos, que eu havia sido aceito para fazer parte do IHGG, a primeira coisa que ela me perguntou foi quanto eu iria ganhar! Eu, meio decepcionado, disse que o objetivo da instituição não era financeiro, mas eu não tive coragem de dizer a ela que, em vez de ganhar algum dividendo financeiro, eu teria que pagar uma anuidade para participar.

Eu uso esse exemplo para voltar à pergunta que guiou essa reflexão, uma pergunta muito parecida à formulada por Max Weber no seu famoso texto “A ciência como vocação”: qual o sentido social de fazer parte de uma instituição como esta, na qual nenhum de nós vai ter qualquer tipo de recompensa financeira e o reconhecimento social é relativamente limitado? O que levou os fundadores a se mobilizarem para construir este prédio, tendo que vencer, muitas vezes, o constrangimento pessoal para pedir o apoio de políticos? O que levou os diferentes gestores que passaram por esta casa a doarem o seu precioso tempo, sem qualquer recompensa pecuniária, para manter este Instituto funcionando?

A resposta é justamente a necessidade humana, muito bem desenhada por Bourdieu, de participar de um campo social, no qual

encontramos um sentido existencial em fazer aquilo que gostamos. A maior angústia de um intelectual é a solidão dialógica, ou seja, não ter interlocutores para conversar sobre temas que lhe interessam, já que, dificilmente, nossos amigos e nossos familiares estarão dispostos a nos ouvir, quando falamos sobre “as irmandades de pardos e negros em Goiás do século XIX” ou sobre “o mudancismo condicionado na transferência da capital para Goiânia”. Aqui no Instituto temos pessoas para conversar, documentos para pesquisar, livros para consultar, espaço para conviver. Aqui, um estudioso da cultura e geografia de Goiás se sente tão em casa quanto um boxeador num tablado de um ringue.

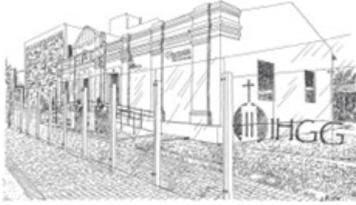
E tem mais. Como qualquer outro ser humano, um intelectual precisa se sentir reconhecido pelos pares. O próprio Bourdieu é um exemplo. O homem que dissecou os rituais de prestígio e consagração do mundo acadêmico não hesitou em fazer parte do *College de France* e aceitou com orgulho os prêmios e medalhas de consagração que lhe foram oferecidos.

Para mim, fazer parte desta casa constitui uma conquista importante. Principalmente porque a minha biografia tem um aspecto similar à de Capistrano de Abreu, já que ambos somos de origem social modesta e experimentamos a enxada e a caneta e descobrimos que a caneta é um instrumento de trabalho muito mais confortável do que a enxada.

Quis o destino que o patrono da minha cadeira fosse o médico, militar, deputado, advogado, professor e historiador Americano do Brasil, que, além disso tudo, fazia muito sucesso com as mulheres. Não tenho predicados suficientes para estar à altura de uma personalidade tão versátil e ilustre, mas, ao menos no que tange ao estudo da História de Goiás, espero fazer jus ao seu legado, contribuindo para aumentar o capital cultural deste Instituto.

Termino esta fala agradecendo a oportunidade e parabenizando a todos os novos ingressantes.

Obrigado a todos pela educada atenção!



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Discurso da historiadora Tereza Caroline Lôbo na solenidade de posse como sócia titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG)

Tereza Caroline Lôbo⁸

Senhoras e senhores:

O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), congênere estadual do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), foi fundado em 7 de outubro de 1932, no Palácio da Instrução, Cidade de Goiás, sendo posteriormente transferido para Goiânia, ocupando desde 1939 o prédio que presentemente se denomina “Casa Rosada de Goiânia”, após sua restauração pela atual gestão.

Inicialmente concebido por Antônio Americano do Brasil (1892–1932), mas concretizado segundo idealização do professor José Honorato da Silva e Souza (1898-1952), o IHGG é uma associação civil, com personalidade jurídica de direito privado, de caráter cultural e científico, sem fins lucrativos.

⁸ Doutorado em Geografia. Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). E-mail: terezacarolinelobo@gmail.com

Reconhecido de utilidade pública estadual pelo Decreto-Lei nº 1.202, de 08/04/1939, e de utilidade pública municipal pela Lei Municipal nº 8.170, de 5 de julho de 2003, o IHGG *“tem por finalidade precípua constituir-se em guardião da memória histórica e geográfica de Goiás, parte integrante e relevante da memória cultural brasileira”*, de acordo com seu Estatuto. A princípio, fundado apenas como uma congregação de sócios, sem numeração de cadeiras, posteriormente adotou o conceito da Academia Francesa, com cadeiras, patronos e patronas, e respectivos ocupantes, sucedidos após a morte do titular.

Atualmente, a instituição é formada por 80 cadeiras, com seus patronos, patronas, sócios e sócias titulares, sendo que, hoje, se completam 50 cadeiras ocupadas, com a posse dos 18 novos membros, a quem tenho a honra de representar neste ato, juntamente com o professor-doutor Eliézer Oliveira.

A esses somam-se os sócios eméritos – promovidos após 20 anos de contribuição ao IHGG como sócios titulares –, além dos sócios beneméritos, honorários, correspondentes e correspondentes internacionais, perfazendo cerca de 140 membros, no total. Os decanos da instituição são o escritor e folclorista Bariani Ortencio, e a escritora e historiadora Ana Braga, ambos com 99 anos, a quem peço uma salva de palmas.

Ao longo de seus 90 anos, o IHGG contou com inúmeros sócios titulares, não apenas geógrafos e historiadores – como a denominação poderia sugerir –, mas também advogados, economistas, jornalistas, musicistas, geólogos, antropólogos, agrônomos, médicos, enfermeiras, arquitetos, professores, juízes de Direito, desembargadores, promotores de Justiça e procuradores, poetas, naturalistas, artistas plásticos, memorialistas, educadores, clérigos, e outros que contribuíram com suas pesquisas, livros, trabalhos acadêmicos, ou escritos, para a formação da memória histórica, geográfica, cultural e científica de Goiás.

Entre os 18 novos membros ora empossados, contam-se doutores, mestres, especialistas e profissionais de diversas áreas do conhecimento, a quem cabe dar seguimento ao trabalho científico, histórico, geográfico, antropológico e cultural de figuras como Amália Hermano Teixeira, Colemar Natal e Silva, Antônio Teixeira Neto e José Ângelo Rizzo, para ficar em apenas alguns dos que já se foram.

Cabe a nós do IHGG, juntamente com a Sociedade Goiana de História da Agricultura (e membros de cerca de outras 30 instituições parceiras), ombrearmos e concretizarmos, neste e nos próximos dois anos, a reflexão e a ressignificação da História de Goiás, através do projeto *Goiás +300*, em que cerca de três centenas de pesquisadores estão realizando pesquisas que propiciarão a publicação de 20 livros: de História – *stricto sensu*; Geografia; Memória e Patrimônio; Literatura; Música; Agricultura; Alimentação e Saúde; Direito e Justiça; Povos originários; Povos de origem afro; Artes Plásticas; Medicina; Mulher; Direitos Humanos, dentre outros.

Em tempos de terraplanismos e outras pirotecnias pseudo-científicas, é cada vez mais necessário nos pautarmos pelos exemplos do professor Horieste Gomes – estrela maior de uma constelação de grandes mestres da Geografia; de Altair Sales Barbosa, e sua luta pela preservação da água, do Cerrado, e dos povos originários em seus territórios; de Martiniano José da Silva, que na lonjura de seu quinhão, em Mineiros, denuncia o “*Racismo à brasileira*”, luta pela afirmação dos povos afrodescendentes e suas formas de resistência e deixa registrada a história dos quilombos; de Eurico Barbosa dos Santos – o grande tribuno – e sua resiliência na denúncia à ditadura e ao arbítrio, e a defesa da democracia, por onde passou: na Assembleia Legislativa de Goiás, no Tribunal de Contas do Estado de Goiás, nos maiores jornais goianos, e na Academia Goiana de Letras.

Não poderíamos nos esquecer do poeta e crítico Gilberto Mendonça Teles, que há 55 anos leva o nome de Goiás e do IHGG

aos grandes centros do Brasil, seja por meio de seus mais de 70 livros de reconhecido valor, seja por suas palestras e aulas na PUC-Rio, Universidade Federal Fluminense e outras pelo País e até pelo mundo.

Em circunstâncias de flagrante negacionismo – como a da óbvia eficácia das vacinas –, nós, do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, não podemos nos furtar a participar dos debates de temas nacionais e de Goiás, de escopo social, ambiental, científico, cultural, e até político, sob pena de nos dissociarmos dos fins que se espera de uma instituição científica e cultural e de perdermos o respeito da sociedade e dos congêneres em Goiás e no Brasil.

Desse debate não se furtaram luminares que enriqueceram esta Casa no passado (cada qual em sua área), como Bernardo Élis, Colemar Natal e Silva, Jarmund Nasser; Jarbas Jayme; José Asmar; José Luiz Bittencourt; José Mendonça Teles; Marilda Godoy de Carvalho; Leoldio Di Ramos Caiado; Mauro Borges Teixeira; Mário de Alencastro Caiado; Modesto Gomes; Nelly Alves de Almeida; Padre José Pereira de Maria; Padre Ruy Rodrigues; Paulo Bertran; Regina Lacerda; Rosarita Fleury; Sebastião Fleury Curado; Ursulino Leão e Waldir Castro Quinta, dentre outros.

É mister também que todos os membros do IHGG sejamos conhecidos pela defesa do Estado Democrático de Direito, independentemente do posicionamento ideológico – de liberal a socialista – ou político-partidário. É da decência civilizatória que membros de uma sociedade científica abominem teses golpistas contra o Estado Democrático, toda forma de discriminação de minorias, preconceitos e abandono dos ideais de Liberdade, Isonomia e Cidadania, que devem nortear a sociedade brasileira.

É oportuno lembrar a epígrafe que o Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury – Patrono do IHGG – escreveu em 1831, como diretor e editor do primeiro jornal de Goiás, *A Matutina Meiapontense*: “*Os reis só são legítimos quando governam pela Constituição.*”

E ainda: “*O direito de resistência é direito público de todo povo livre.*” Que todos os membros do IHGG tenham como parâmetro as instruções de seu patrono, cadeira 51, que participou ativamente dos principais eventos culturais, sociais e político-administrativos de seu tempo.

Queremos parabenizar a atual Comissão Permanente de Avaliação, nas pessoas de seu presidente, Nilson Jaime, e dos membros Abílio Wolney Aires Neto e Pedro Nolasco de Araújo, pelo primoroso trabalho desenvolvido no processo de seleção dos 15 membros titulares e quatro correspondentes e respectivo Parecer; e Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado (presidente), que, juntamente com os membros Waldomiro Bariani Ortencio e Elizabeth Abreu Caldeira Brito, constituiu a Comissão anterior, que fez a avaliação de outros três membros titulares e seis correspondentes ora empossados, impedidos de se efetivarem, à época, por causa da pandemia.

Agradecemos aos 29 membros do IHGG que, representando a todos os demais sócios, participaram da Assembleia Geral do último dia 30 de junho e votaram em nossos nomes para compor esta Egrégia Instituição. Foi uma eleição democrática, isenta, pautada em critérios objetivos, que elegeu membros com inquestionável qualidade técnica.

Nesta oportunidade, queremos também parabenizar o presidente Jales Guedes Coelho Mendonça e toda a diretoria do IHGG, pelo exemplar trabalho de Gestão Cultural que vêm desenvolvendo. Em pouco mais de um ano à frente do IHGG, o doutor em História e promotor de Justiça tem demonstrado singular capacidade de gestão, visão estratégica e pendores administrativos notáveis. As realizações substanciais em tão pouco tempo de gestão mostram que acertou o ex-presidente Geraldo Coelho Vaz ao indicá-lo para presidente, na chapa eleita para gerir esta instituição nos quatro anos em que se comemoram os 90 anos do IHGG. Obrigada, senhor presidente Jales Mendonça, por nos receber, e por elevar o IHGG à

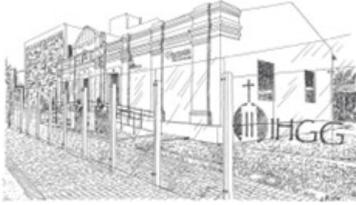
categoria de um dos grandes institutos históricos e geográficos do Brasil.

Queremos, neste ato de posse, nos comprometer, com a presidência e com todos os sócios, a participar assiduamente e cotidianamente das realizações, eventos e publicações do IHGG. Nesses novos tempos de interação *on-line*, queremos contribuir com a instituição escrevendo artigos, participando de debates e discutindo com nossos pares e Diretoria, com as universidades e a sociedade, os grandes temas de Goiás e do Brasil.

Conte conosco, presidente!

E viva o IHGG!

Muito obrigada!



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Discurso do Desembargador Luiz Cláudio Veiga Braga na solenidade de posse como membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG)

Luiz Cláudio Veiga Braga⁹

Ao transpor os cancelos deste sodalício, o que faço em sessão de abrigo dos novos integrantes da Casa, não me apresento como o bardo europeu encarregado de divulgar a história do seu povo. Aqui estou desprovido de autoridade mínima para essa empreitada, faltando-me qualificação para os cânticos de devoção a esta prestigiosa e quase centenária instituição, mas me igualando aos insígnies confrades e confradeiras que, exornados de atributos que os distinguem, merecem o ingresso neste Templo, contra eles praticando o assalto de ladrão da chameca, como o lendário Procusto, requintado na arte supliciar, roubando-lhes o sezão de glória, que é deles, do qual participo por acinte, na confiança da generosidade dos que para cá me trouxeram.

Chego no meu tempo, chego no meu momento, sem o avexamento dos angustiados nem a tardança dos postergados, não tra-

⁹ Desembargador e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG).

zendo o desejo de despertar paixões ou estabelecer desafios. Não busquei no pretexto da honraria de integrar esta reunião de intelectuais a pena do pretor, para garantir a tutela de imposição para que fosse aceito pelo colegiado, a magnitude da Casa não se compraz com ato de força, ainda que legalizado pelo pronunciamento do Judiciário, cuja solução, se adotada, traduziria o deslustramento do ingresso ao arripio da assembleia de associados, buscando o reconhecimento que não foi conferido pelo órgão que detém o poder originário para a escolha.

A minha admissão nesta Casa, na companhia dos confrades e congreiras – Ademir Ribeiro Hamu, Alexandre Ramos Caiado, Aline Santana Lôbo, Andréa Luísa de Oliveira Teixeira, Augusto César Rocha Ventura, Eliézer Cardoso de Oliveira, Hamilton Inácio Carneiro, Jales Rodrigues Naves, João Guilherme da Trindade Curado, Luiz de Aquino Alves Neto, Maria de Fátima Gonçalves Lima, Murah Rannier Peixoto Vaz, Ricardo Júnior de Assis Fernandes Gonçalves, Simone Cristina Schmaltz de Rezende e Silva, Tereza Caroline Lôbo, Tiago Ribeiro Machado, Valterli Leite Guedes, estes, sócios titulares; Adão Francisco de Oliveira, Adão Divino Batista, Cida Sanches, Elaine Maria Machado Barbosa, Euclides Alves de Oliveira Souza, Flomar Ambrosina Oliveira Chagas, Luciano Roriz, Maria Elizabeth Costa, Pedro Augusto Diniz Silva, Rafael Ribeiro Bueno Fleury de Passos, Sidney Pereira de Almeida Neto, estes, sócios correspondentes –, exterioriza a vontade dos anfitriões, ao menos a eles, me excluindo desse rol, a aceitação pela contribuição e engrandecimento que podem emprestar, aprovados pela vida em atuação nos segmentos culturais.

Para cá venho, no objetivo de coadjuvar no implemento da finalidade deste Instituto, preservar a memória histórica e geográfica do Estado de Goiás, fazendo-lhe, em estudos e compreensões dos seus fatos e do seu povo, a reverência ao passado, porque é contando os tempos idos que poderemos divisar o porvir – como advertiu

o filósofo Confúcio: “Conte-me o teu passado e saberei o teu futuro” –, buscando, nessa visão, a pesquisa científica, a identificação das manifestações culturais e de ciências sociais de Goiás, o registro do que decorreu em momento anterior ao presente, o aglomerado de significativos eventos dentro de certo espaço temporal.

A magnificência desta quase secular Casa não é fruto de convergência ocasional de uns poucos aventureiros, que, sob a invocação de intelectualidade, resolveram pela criação da confraria, mas decorrente da iniciativa de homens do calibre cultural de José Honorato da Silva e Souza, Agnelo Arlington Fleury Curado, Colemar Natal e Silva, Dario Délio Cardoso, Alfredo de Faria Castro, Augusto da Paixão Fleury Curado e Luiz Ramos de Oliveira Couto, que, comprometidos com a preservação da memória da sua terra e da sua gente, à constatação “do abandono em que se achava o estudo da história e da geografia no Estado”, deram expressão à iniciativa ocorrida no Governo João Alves de Castro (1917-1921), com a edição da Lei n° 629, de 02 de agosto de 1918, trazendo a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG).

A providência criadora desses homens que se envolveram “no pensamento crítico, na pesquisa e na reflexão sobre a realidade da sociedade, compondo o grupo que exercia o poder espiritual ou ideológico, em oposição do poder temporal ou político”, se encaixando no figurino de intelectual, como quer Norberto Bobbio, permitindo o abandono da visão contemplativa e poética da entidade curadora do material histórico e geográfico do Estado de Goiás, dando-lhe efetividade e realismo, seguindo mesmo no desafio dos ruidosos percalços surgentes no empreendimento de dados sobre fatos, locais, divisas de região, pessoas, para a composição da memória do Estado de Goiás.

Nessa perseguição de propósito, o Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás (IHGG) se estruturou como uma das mais respeitadas instituições de pesquisa científica, contando com

diversificado acervo, integrado por fotografias, fitas de vídeos, obras de artes, CDs, documentos manuscritos, a exemplo da primeira Constituição do Estado de Goiás, livros, revistas, folhetos, medalhas, objetos pessoais de personalidades, constituindo farto e autorizativo material para estudiosos e curiosos sobre a história cultural, social e política do Estado de Goiás.

A expressão de respeitabilidade deste Instituto pode ser medida pelos seus integrantes, de ontem e de hoje, homens e mulheres que concorreram e concorrem para a preservação da memória do Estado de Goiás, sempre à sua testa as mais destacadas personalidades do universo intelectual, bastando convocar à lembrança Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, Colemar Natal e Silva, Alfredo de Faria Castro, Zoroastro Artiaga, Gilberto Mendonça Teles, Basileu Toledo França, José Mendonça Teles, Aidenor Aires, Geraldo Coelho Vaz e, atualmente, Jales Guedes Coelho Mendonça, fiança de entidade cultural reverenciada e prestimosa.

É nesse santuário que busco o convívio com a intelectualidade goiana, para desmatar o “amazonas da minha ignorância”, como poetou Drummond, apresentando como única credencial o sonho de pertencer a uma das mais cultuadas instituições de pesquisas do Estado de Goiás, sem refreio à certeza que professo: “Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”, na invocação do vate português Fernando Pessoa, em contemplação do poema *Tabacaria*.

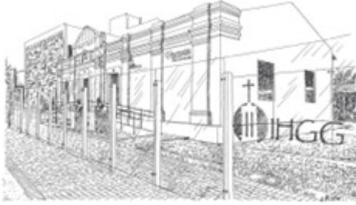
E mesmo na indigência intelectual, superada pela assembleia de associados que dá acolhida, cá estou, destoando dos novos membros que desfilam qualidades para elevar esta instituição, restando-me, em genuflexão d’alma, a súplica do perdão, não sem antes o apalavramento do empenho e dedicação para a tentativa de ombrear-me aos notáveis da Casa, na silenciosa desobriga de resgate do passado do meu estado, aprofundando no conhecimento, preservando-o nos registros, fiel ao azimute da sua criação, que, por indul-

gência, agora é também minha; a ela, a plena entrega, na vigilância de não desonrá-la.

Já no encerramento, expresso aos membros do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás (IHGG) e aos presentes os meus agradecimentos, a minha perene gratidão, pela aceitação e o prestígio que conferem a esta solenidade, preservando no gesto o meu único patrimônio, na advertência de Shakespeare: “A gratidão é o único tesouro dos humildes.”

Tenho dito!

Muito obrigado!



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

90 Anos do prédio cor-de-rosa

Lena Castello Branco¹⁰

Comemorar os 90 anos de fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás é lançarmos os olhos sobre as últimas décadas, tão ricas e tão diversificadas, em seus cenários, acontecimentos e personagens. Para mim, que sou pouco mais velha do que essa instituição, seria como voltar um a um os muitos anos vividos, recuando ao distante 9 de outubro de 1932.

Meditando e pensando, fui reencontrando fatos do passado – qual deveria ser lembrado hoje, aqui e agora? Qual se impõe sobre os demais?

É quando me vem à lembrança o próprio cenário do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás – qual seja, o prédio que o abrigou quando veio transferido da Cidade de Goiás para Goiânia. Esse mesmo prédio cor-de-rosa (era mais tendente ao alaranjado), última edificação da Praça Cívica, ainda não totalmente urbanizada.

Em 1952, o assim chamado Setor Sul foi aberto à construção das primeiras residências e prédios comerciais, quando artérias foram abertas no cerrado: simples arruamentos toscamente delimi-

¹⁰ Historiadora. Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG).

tados, sem meios-fios, sem esgoto pluvial ou doméstico, sem água tratada.

Não obstante, a casinha cor-de-rosa lá estava, enquanto jovens casais começavam a erguer suas habitações, mediante financiamentos obtidos junto a agentes públicos e privados.

Nessa mesma década, empolgou a juventude goianiense a campanha em prol da criação e do funcionamento da Universidade Federal de Goiás, que foi empalmada pelo diretor da já existente Faculdade de Direito, o Professor Dr. Colemar Natal e Silva. Nesse sentido, ele colocou a serviço desse ideal seus bons relacionamentos pessoais e acadêmicos, e, igualmente, o prestígio de sua ilustre família.

Ainda nos anos 1950, uma Comissão de Docentes e alunos programou conferências e debates sobre o que viria a ser a Universidade Federal de Goiás. Teve lugar uma série de conferências com a vinda de convidados ilustres, sendo o primeiro deles o ministro das Relações Exteriores, Santiago Dantas. Seguiram-se outros palestrantes – como Darcy Ribeiro, que discorreu sobre o novo modelo de universidade que se cogitava de instalar em Brasília; e o Professor Dr. Agostinho da Silva – filósofo português, anti-salazarista e pessoa de extraordinária cultura e carisma pessoal.

Em palestra havida no Auditório da Faculdade de Direito de Goiás, o Dr. Agostinho sugeriu a criação de um centro universitário onde se estudasse o Brasil, já que esses estudos eram oferecidos de maneira dispersa e fragmentada.

A sugestão despertou grande interesse e finalmente tornou-se realidade, com a criação do Centro de Estudos Brasileiros (1962), funcionando na casa cor-de-rosa: a edificação que aí está, felizmente preservada e valorizada.

No Centro de Estudos Brasileiros (CEB) viriam a funcionar dois cursos: Bacharelado/Licenciatura em Estudos Brasileiros e Curso de Cultura Goiana.

Para ingressar no primeiro, era exigida a conclusão do ensino médio e a aprovação em concurso vestibular; o segundo era de livre acesso e tinha o caráter de extensão cultural.

Houve grande procura para ambos; os cursos começaram a funcionar com professores convidados até que fosse possível realizar concurso público, porquanto exigências formais e burocráticas ainda deveriam ser atendidas, em Goiânia e em Brasília.

Para integrar o corpo docente, foram convidados professores já atuantes da Escola Técnica Federal de Goiás, do Instituto de Educação, do Liceu de Goiânia, da Universidade Católica. Dentre outros: Bernardo Élis, Amália Hermano Teixeira, Antônio Teodoro da Silva Neiva, Gilberto Mendonça Teles (diretor do Centro). Fui chamada para integrar o grupo e passei a lecionar História Moderna e Contemporânea, bem como Cultura Goiana. Eu tinha 32 anos, quatro filhos pequenos e morava no Setor Sul, perto do Centro de Estudos Brasileiros (CEB).

O CEB tinha grandes objetivos e planos ambiciosos, mas a realidade era de pobreza e de dificuldades. Entre os chamados órgãos de segurança havia a suspeita de que se tratava de uma cópia ou réplica do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB-RJ), tido como instituição esquerdófila, que visaria à adesão do Brasil ao bloco comunista em plena Guerra Fria – que alcançara seu ponto máximo.

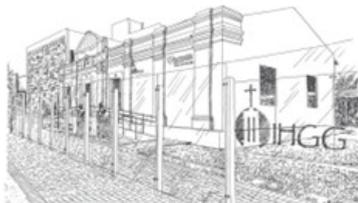
Em assim sendo, nós, professores e alunos do CEB, éramos vigiados por “espiões” indicados e matriculados para esse fim. Fui convocada a comparecer ao 10º Batalhão de Caçadores, onde um tenente-coronel me ameaçou de prisão – dizendo ele que eu estava fazendo proselitismo vermelho quando dava aulas sobre a Revolução Russa, na disciplina História Contemporânea... Em tempo: não fiquei presa devido à intervenção de familiares, militares hierarquicamente superiores ao meu anfitrião.

Resumindo: o Centro de Estudos Brasileiros foi fechado, os professores “de esquerda” foram demitidos, depois aposentados.

Gilberto Mendonça Teles teve de asilar-se no Uruguai durante alguns anos; quando retornou ao Brasil, fixou-se no Rio de Janeiro, onde continua como grande linguista e príncipe dos nossos poetas. Louvado seja!

Demais professores e alunos foram transferidos para a recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFG. No prédio cor-de-rosa foi instalado o Departamento de História e Geografia, com os respectivos cursos. Muitos dos futuros mestres e doutores da nossa Universidade Federal de Goiás estudaram ali, vindo a completar a respectiva formação acadêmica em universidades brasileiras e estrangeiras. E o trabalho continua.

Esse prédio cor-de-rosa tem História e muitas histórias... a começar com a dele próprio.



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Caminhos da Historiografia Goiana

Nasr Fayad Chaul¹¹

Desde os anos de 1970/80 do século XX, os estudos históricos debruçam-se em uma crescente produção de variados temas cujas pesquisas formam uma dialética de possibilidades em que novos estudos estimulam outros tantos e os vários se edificam em uma maior compreensão de nossa História, Memória e Identidade. Boa parte desses estudos centra-se na recuperação do processo histórico de nossas cidades, na busca de um mapa cartográfico que venha a descortinar novos horizontes, novas fronteiras. Estudar as cidades goianas tem sido fundamental para ampliar o conhecimento de nosso processo histórico.

As cidades goianas nasceram arraiais, viraram vilas¹², depois ganharam formas, com o tempo, de abrigo de pessoas e sedes admi-

11 Doutorado em História Social. Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). E-mail: nfchaul57@gmail.com

12 Lê Goff nos lembra que “a palavra ville, para designar aquilo que chamamos de cidade, é muito tardia. Até os séculos XI e XII, escreve-se quase que estritamente em latim e, para designar uma cidade, usa-se civitas, cite. Ou urbs, a rigor, mas basicamente civitas. E quando as línguas vernáculas aparecerem, o termo cite vai permanecer por muito tempo. Ville tomará o sentido urbano apenas tardiamente, já que... antigamente a palavra designava de fato um estabelecimento rural importante”. (Lê Goff, Jacques. Por Amor às Cidades. São Paulo: UNESP, 1988, p. 12).

nistrativas e/ou políticas. Umas sim, outras não. Geralmente começavam com uma ou outra casa ou casebre, uma pequena praça, uma tímida Igreja. Por vezes uma fazenda dava início a uma localidade que crescia em sua volta e, ao largo do tempo, virava um arraial, uma vila e, tempos depois, muito tempo depois, uma cidade, dessas do interior de Goiás que, às vezes, só crescem dentro de nós.

As mais significativas de antanho nasceram com o ouro, tornaram-se sedes de governo, entreposto comercial, a exemplo de Vila Boa de Goiás e Meia Ponte, eternas rivais que viraram a Goiás Patrimônio da Humanidade e a turística Pirenópolis. Como nos mostra Palacín: *“Goiás entra na História como as Minas dos Goyazes. Dentro da divisão do trabalho no império português, este é o título de existência e de identidade de Goiás durante quase um século. Os primeiros anos são de uma atividade febril. Pouco depois de seu retorno, Bueno funda solenemente o primeiro arraial, o Arraial de Sant’Anna, numa quebrada no sopé da Serra Dourada muito próximo das nascentes do Rio Vermelho, a nova povoação – que deveria converter-se 12 anos depois em vila e depois tornar-se Capital – geograficamente se encontra deslocada, como centro de operações no território goiano, e climaticamente exposta aos rigores de uma insolação concentrada, sem ventilação. Mas a urgência do momento não admite dilações. Há ouro e água, isto basta. Este será o critério com que irão surgindo os demais arraiais.”*¹³

Os primeiros estudos científicos, acadêmicos, sobre a História de Goiás começaram pelo início dos tempos, os primeiros descobrimentos, a mineração, os primeiros arraiais... Tratava-se de decodificar o ainda inexplorado Goiás do passado. Passado o tempo, depois de muitas produções historiográficas, voltamos às origens, a novas origens. Vários estudos tiveram como tema as cidades. A História de cada uma, como tudo começou no seu pequeno lugare-

13 PALACÍN, Luis.. Goiás: 1722-1822. Estrutura e Conjuntura numa Capitania de Minas. Goiânia, Oriente/DEC, 1972. p. 29.

jo, no seu interior apaixonado, na sua cidade que, somadas a tantas outras, constitui um Estado, dividido quase ao meio em meados dos anos 80 do século passado e hoje necessita de ser mais bem compreendido, vislumbrado, historiado, entendido historicamente entre cidades e encantamentos.

Uma coisa é certa ou pelo menos consenso entre os historiadores: *“A formação do espaço goiano começa com o ouro. Os descobertos auríferos em Goiás pertencem à longa série de determinismos geológicos... Na falha geológica havia o descoberto do ouro e ali plantava-se o Arraial, necessidade de teto. Pau a pique, taipa e cobertura de palhas, vingariam pela riqueza das catas ou por fácil acesso aos caminhos, esgotadas aquelas. De 1725 a 1727, faziam-se os descobertos dos rios Vermelho, Claro e Pilões. Em 29, erigia-se Santa Cruz no caminho de São Paulo e, em 27, Meia Ponte abria os caminhos do Norte. Seguem-se Minas do Tocantins. Em 1730, Maranhão, 30 ou 31, Água Quente, 35, Traíras e São José... Razoável distância parece existir entre a descoberta das lavras e a fixação definitiva dos arraiais.”*¹⁴

O tempo da formação dos arraiais, das vilas, das cidades tem nos ajudado a nos compreender através da História. Em meio a estudos sobre Mineração, Transportes, Coronelismo, Lutas Camponesas, Imigrantes, Terra, Trabalho, a Mulher Goiana, a Goianidade, estamos desenvolvendo uma maior compreensão dos caminhos da historiografia goiana. Os olhares dos historiadores, antropólogos, cientistas em geral, voltam-se hoje também para um maior entendimento da herança cultural dos povos originários, aos quais devemos mais do que nomes de cidades, rios ou palavras que nosso cotidiano repete sem a necessária tradução. Os estudos da arquitetura, principalmente sobre a capital do sertão, Goiânia, ampliam o conhecimento histórico acerca dos urbanistas, arquitetos, projetos e influências internacionais de nossa rica e sofrida Art Déco. Trabalhos

14 BERTRAN, Paulo. Formação Econômica de Goiás. Goiânia, Oriente, 1978. p. 23.

como *Identidade Art Déco* de Goiânia, de Wolney Unes; *Goiânia - Cidade Pré-Moderna do Cerrado, 1922-1938*, de Jacira Rosa Pires; *Goiânia, Uma Concepção Urbana, Moderna e Contemporânea: Um Certo Olhar*, de Celina Fernandes Almeida Manso; *Goiânia, Cidade de Pedras e de Palavras*, de Márcia Metran de Mello; e *Goiânia, Uma Utopia Europeia no Brasil*, de Tânia Daher, são alguns desses exemplos.

Destaca-se ainda que no contexto do século XIX não há separação entre campo e cidade no Goiás Provincial. Por isso, para se entender mais do que o nascimento das vilas e das cidades, o desafio aqui é compreender essa junção. Quem primeiro a compreendeu foi o mestre de todos nós, Luis Palacín Gomez.

Luis Palacín Gomez – mestre, intelectual brilhante, padre jesuíta, historiador – compreendeu desde o início que, para entender Goiás, o princípio era o princípio, ou seja, a sociedade mineradora. Sua pesquisa com base científica, análise crítica apurada, métodos específicos, ao tratar o objeto de estudo e conhecimento teórico, inaugurou o caminho que a USP e a UFG abriram ao instalar o Mestrado em História nos anos 70. O trabalho de Palacín não foi, obviamente, o primeiro de cunho histórico, mas foi o precursor ao tratar a história de Goiás cientificamente. *Goiás 1722-1822* trouxe-nos um marco para a historiografia que hoje chamamos de regional e abriu caminho para toda uma geração de pesquisadores que passaram a produzir seus trabalhos com preocupações regionais.

Para a primeira geração de historiadores, era necessário descobrir Goiás e os primeiros estudos de cunho acadêmico foram elaborados nesse campo. Era necessário desvendar o Goiás Colonial, sua vida administrativa, sua economia, sua política, o ouro e a vida goiana no século XVIII, índios, bandeirantes, colonização, miscigenação... Seguiram-se preocupações com as comunicações fluviais, o Araguaia e o Tocantins (Dalísia Doles), com a Escravidão em Goiás (Gilka Vasconcelos), o Povoamento do Sul de Goiás (Maria França),

as Colônias de Povoamento (Eliane Dayrell), entre tantos outros, até chegarmos ao rico período da primeira república, com estudos centrados principalmente no Coronelismo.

Havia um começo, mas um começo problemático, já que o salto por sobre o Império criava uma espécie de buraco negro difícil de ser superado pelas gerações posteriores. Sérgio Paulo Moreyra esboçou uma grande viagem, legada aos estudiosos em recentes e importantes trabalhos, pelo Goiás Imperial e através da compreensão das Relações de Trabalho Escravo no Campo. Maria Amélia Alencar tratou das estruturas fundiárias, mas nada ao nível do número de trabalhos que temos sobre o Goiás Colonial e Republicano.

Assim, a primeira república passou a liderar o referencial de estudos e nos legou um dos melhores momentos sobre o que estamos tratando de Revisitação Historiográfica em Goiás, ou seja, para a historiografia goiana, o Coronelismo tem se constituído em tema atuante e repleto de divergências interpretativas, capaz de empreender buscas e resgatar interpretações diferenciadas entre as ciências sociais e a história.

Desde *História de uma Oligarquia: Os Bulhões*, de Maria Augusta de Sant'Anna Moraes, passando por Dalísia Doles e Lena Castello Branco, até o clássico *Coronelismo em Goiás*, de Francisco Itami Campos, caminhando pelo *Coronelismo no Extremo Norte de Goiás*, de Luis Palacín Gomez, temos visto multiplicidades de análises e estudos sobre o tema Coronelismo, com algumas nuances interpretativas, mas quase sempre sobre o mesmo tom analítico, aos moldes dos estudos mais frequentes que as ciências sociais preferiram desde o clássico texto de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Em *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*, me propus a desconstruir a ideia de “atraso” para a análise do Coronelismo em Goiás ao longo da Primeira República. Nesse livro, publicado em 1997, defendi a ideia de que não é historicamente sustentável a teoria de que as oligarquias dominantes em

Goiás na Primeira República de tudo fizeram para manter o Estado atrasado, como forma de continuidade de seu poder político. Para nós, foi a época em que, economicamente, Goiás mais se desenvolveu, fruto dos trilhos da estrada de ferro, além de que, politicamente, foi o período em que, por duas vezes, nos vimos representados em nível federal pelos Bulhões, ocupando a pasta da Fazenda em dois dos governos federais. Chama a atenção também para o fato de que o que levou as oligarquias, em alguns momentos, a serem contra os trilhos da estrada de ferro não significava serem as mesmas adeptas da teoria do atraso e sim pelo seu vínculo com projetos de navegação fluvial.

A Sociedade Agrária em Goiás na Literatura de Hugó de Carvalho Ramos, de Maria Sônia França, abria uma perspectiva de análise que envolvia literatura e história, mas que nosso ortodoxismo marxista dos anos 80 não permitiu que o víssemos a contento. Transportes ferroviários e rodoviários vieram a se somar à Revolução de 1930 e às preocupações com a construção de Goiânia e a transferência da Capital, possibilitando uma boa análise sobre o rico processo histórico dos anos 20 ao Estado Novo. Seguiram-se estudos sobre o Governo Mauro Borges, o Golpe de 64 e o Governo Iris Rezende, mas ainda esparsos e carentes de uma maior produção reflexiva.

De volta ao começo, carecemos de um repensar sobre tudo o que dissemos. Acreditamos que o manancial de suportes aos estudos realizados foi edificado sobre pilasstras básicas de decadência, atraso e modernidade, com necessárias reflexões sobre seus marcos fundamentais de análise. Os estudos sobre as cidades podem nos ajudar a refletir melhor sobre essas questões. Assim como os trabalhos de Lena Castello Branco sobre *Poder e Paixão: a Saga dos Caiado* e *a Invenção de Goiânia: O Outro Lado da Mudança*, de Jales Guedes Coelho Mendonça, nos ajudam a compreender e a rediscutir histórias antes consagradas.

Porém, mais do que documentos, fontes, ideias, é preciso que tenhamos toda a abertura para novas ideias e novas concepções. É necessário vislumbrar com mais propriedade a história cultural, a onda transformadora das mentalidades, e nos desgarrarmos um pouco das nossas gloriosas concepções econômicas, capazes que foram, um dia, de explicar o mundo em sua “última instância”. Para isso, temos fontes importantes, como os arquivos cartoriais e eclesiásticos, a memória coletada do que passou a se chamar micro-história, dos arquivos de importantes jornais, vários deles já transformados em CD-Roms, e dos guardiães da memória, a exemplo do nosso Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, completando sua exuberância na Casa Rosada, onde repousam excelentes fontes de pesquisa nesse local de produtividade fundamental para o exercício da pesquisa e da ampliação do conhecimento. A gestão de Jales Guedes e equipe nos proporcionou o ambiente acolhedor e a certeza de que a documentação existente, assim como a preservação do espaço físico, está à altura de sua importância de acervo de História e Memória dos goianos.

São relevantes os trabalhos econômicos e políticos que a historiografia goiana nos proporcionou; sem eles estaríamos ainda engatinhando no rumo de outras abordagens. Mas, é certo, carecem de complementos, de teorias explicativas que nos lancem para fora da redoma dos anos 70. Isso não quer dizer desprezo pelos sérios trabalhos realizados por tantos de nós, mas isso também não nos obriga a deixar de repensar a História à luz da criticidade. Precisamos mais de argumentos demonstrados através de pesquisa do que de frases de efeito, algumas simplistas demais para convencer historiadores calejados pelo ofício.

Por tudo isso, a importância de publicar estudos sobre as cidades goianas se torna imperativo, uma vez que eles buscam preencher lacunas, decodificar temas, desobstruir caminhos e paisagens.

Todos, porém, dentro das “*recentes preocupações com a descoberta de ‘outras histórias’ [que] têm favorecido os estudos sobre a cidade e o cotidiano urbano. Tais trabalhos contribuem para a renovação temática e metodológica ao redefinir noções tradicionais e questionar as polarizações em categorias abstratas e universais, possibilitando a recuperação da experiência cotidiana de outros setores sociais. A expansão dos estudos sobre o urbano localiza-se nesse quadro de transformações por que passa a história nos últimos tempos. Devido a razões internas e externas, esses estudos emergiram da crise dos paradigmas da escrita da história, requerendo uma completa revisão dos instrumentos de pesquisa. Esse movimento levou à procura de ‘outras histórias’, ampliando o saber e possibilitando a redescoberta do urbano*”.¹⁵

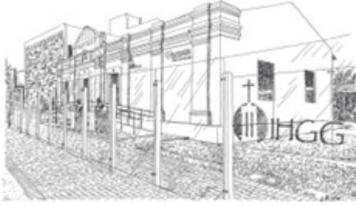
Dessa forma, o desenvolvimento urbano goiano pode ser esboçado da seguinte maneira: uma primeira fase, na qual as cidades surgem casualmente dos sítios mineradores, segue-se o período das cidades-patrimônio (os povoados da pecuária/agricultura e da cultura rústica) e um ciclo de planejamento urbano com as cidades da estrada de ferro, da expansão dirigida por Goiânia e mais tarde por Brasília. Pode-se falar do padrão nômade das cidades goianas.

As análises históricas sobre a cidade em Goiás já possuem uma tradição firmada. Ela aparece como estudo da civilização e da ocupação territorial na região. Primeiramente, como biografias urbanas. Apologéticas, generalizadoras, mas nascidas dos interesses de identificação de memorialistas ou historiadores amadores. Depois, como História local. Trindade, Campinas, Itaberaí, Goiás, Itumbiara, Nova Veneza, Catalão, Quirinópolis, Anápolis, Gurupi, Jataí, Morrinhos, Porto Nacional, Corumbá, Jaraguá e Inhumas já foram estudadas em dissertações que focalizam problemas tão distintos como o mandonismo local, a modernização econômica e a

15 MATOS, Maria Izilda Santos de & Maria Angélica Soller. A Cidade em Debate. São Paulo, Brasil Sociedade e Cultura/Olho D'água, 1999. Prefácio.

imigração. Destacamos o excelente *Os Tempos Míticos das Cidades Goianas*, de Antônio César Caldas Pinheiro.

Como História urbana, aquela que assume os riscos e as vantagens da transdisciplinaridade e da comparação e encara a cidade como observatório privilegiado para a compreensão dos fenômenos simbólicos, os marcos são mais recentes. Há muito o que se fazer, mas andamos bem na produção do conhecimento sobre nosso processo histórico. A ajuda inestimável das ciências irmãs, abrindo novas possibilidades de análise; os subtemas surgidos frutos da pesquisa séria; a história social, desde os *Annales*, a história cultural, como matriz importante de desvendar novos rumos, nos dão a certeza da fertilidade dos Caminhos da Historiografia Goiana no século XXI.



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Coleção Goiás +300, Reflexão e Ressignificação¹⁶

Nilson Jaime¹⁷

Jales Guedes Coelho Mendonça¹⁸

Mitos de origem são histórias simbólicas, em que os povos buscam explicar suas cosmogonias, a origem de seu universo, das nações correlatas, das etnias, das pessoas, do mundo natural, da fauna, da flora, de sua cultura, de suas existências, enfim. Um dos mitos de origem mais associados ao Estado de Goiás é o do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, alcunhado Anhanguera, que se aventurou no final do Século XVII na região onde, futuramente, se estabeleceriam os Estados de Goiás e Tocantins, e o atual Distrito Federal.

16 Esta apresentação foi publicada nos três primeiros volumes da Coleção Goiás +300 – Reflexão e Resignificação (História, Geografia e Memória e Patrimônio), lançados no dia 14/12/2022, no auditório do IHGG, em Goiânia.

17 Engenheiro agrônomo, mestre e doutor em Agronomia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), presidente da Sociedade Gojana de História da Agricultura (SGHA) e do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (Icebe); coordenador e editor-geral do Projeto Goiás +300. E-mail: nilsongjaime@gmail.com

18 Doutor em História. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). E-mail: jalescoelhomendonca@gmail.com

O mito do europeu portentoso, trajando roupas, botas e chapéus de couro, utilizando-se do embuste de colocar fogo na aguardente, à guisa das águas dos rios, por certo não enganaria os povos originários deste território, acostumados a manejar o fogo e a viver das águas desde a antiguidade. Se ainda não havia no Planalto Central uma bebida destilada, dado que a cachaça fora preparada pela primeira vez no litoral da Terra de Santa Cruz, há menos de dois séculos anteriores ao Anhanguera, é certo que os indígenas saberiam produzir suas beberagens a partir de frutos fermentados e reconheceriam o ardil do bandeirante pelo aroma característico da aguardente. Sabe-se hoje que a artimanha de incendiar a cachaça não é originária do primeiro Anhanguera, mas de outro bandeirante paulista, mais de meio século antes, em Minas Gerais, conforme informações de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

O Anhanguera é, portanto, um mito recheado de mitos: os bandeirantes paulistas não eram os portugueses ou espanhóis do imaginário popular, embora também presentes. As bandeiras e monções eram formadas, em sua maioria, por mestiços, filhos, netos e bisnetos dos indígenas do Planalto de Piratininga. Acostumados, por isso, às agruras do sertão: feras, índios reativos, caminhos tortuosos, matas fechadas ou terrenos serpentínicos, enchentes e corredeiras de rios, insetos e doenças – tratadas com receitas de poções, unguentos e ervas aprendidas com suas avós autóctones. Os bandeirantes paulistas eram, em grande parte, descendentes do Cacique Tibiriçá – morubixaba dos Guaianazes do Planalto de Piratininga, onde se fundou a Vila de São Paulo, em 1554 – ou de seus irmãos, Caiuby e Piqueroby, também maioraes de aldeias na “borda do campo” paulista.

O Cacique Tibiriçá era pai da índia Bartira, consorte do náufrago português João Ramalho, casal ancestral de grande parte dos mamelucos¹⁹ paulistas que fundariam dezenas de povoações nos

19 Embora sabedores da importância do sistema heterárquico nas relações sociais, os edito-

atuais Estados de São Paulo (Santana de Parnaíba, Sorocaba e Itu, por exemplo), Minas Gerais (Vila Rica, depois Ouro Preto) e Goiás (Sant'Anna, depois Vila Boa e Cidade de Goiás), além de outros arraiais surgidos no rastro do bandeirismo e do ciclo da mineração, e que dariam origem às atuais cidades de Pirenópolis, Corumbá de Goiás, Pilar, Jaraguá, Niquelândia, Anicuns, Santa Cruz, Catalão e diversas outras em Goiás e Tocantins.

Mas a história de Goiás não começou há 300 anos, com a chegada do colonizador mameluco. Os povos originários habitam a região de Goiás há pelo menos 13 mil anos²⁰ e possuem os seus próprios mitos de origem, olvidados na atualidade pelo processo de imposição cultural do colonizador europeu, à guisa de “civilizar” os povos originários. Esses mitos de origem, de transmissão oral, tais como o da mandioca, do guaraná e do pequi, por exemplo, serão abordados no livro *Povos Originários*, dentro do *Projeto Goiás +300*.

Longe, porém, de uma mera “superposição” cultural – conceituação de Ellis Jr. (1934)²¹ – dos mamelucos bandeirantes sobre os povos originários, a cultura goiana é resultado de um processo de “mistura”, ora pacífica, ora violenta e implacável, sobre os povos deste território. Na colonização mameluca e ibérica de Goiás, porém, os saberes indígenas (do homem cerratense original) e de negros – não obstante o apresamento e destruição a que foram submetidos – se impuseram fortemente, seja no vocabulário, como na culinária e nos topônimos de rios e cidades. Houve uma resistência cultural, que incorporou a Goiás substanciais elementos indígenas

res não utilizam o termo “mameluco” como afirmação da hierarquia liberal do século XIX, mas como vocábulo esclarecedor de que a colonização de Goiás não se deu unicamente por europeus, mas, principalmente, por mestiços paulistas, descendentes há várias gerações de indígenas e europeus. Um termo como colonização euro-indígena, por exemplo, não deixaria claro o modelo aplicado a Goiás.

20 Nova datação segundo recalibragem do Método Carbono 14, pelo *Smithsonian Institution*, atualizado por Barbosa (2022, p. 253).

21 ELLIS JR. Alfredo. Populações paulistas. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasileira, vol. 27, série 5. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. 264 p.

e afros. Corrobora essa constatação o fato de que o nome de 70 dos 246 municípios de Goiás, existentes presentemente, tem alguma associação com a língua Tupi, ou com os povos originários, mesmo que nominados pelos jesuítas ou pelo colonizador. Esse legado é uma prova de resiliência cultural e resistência histórica desses povos e etnias.

Não existe nos Estados de Goiás ou Tocantins um rio Anhanguera (esse substantivo, um neologismo de etimologia Tupi), mas há Tocantins, Araguaia, Paranaíba, Capivari, Aporé, Anicuns, Crixás-Mirim, Crixás-Açu, Javaé e Paranã, todos topônimos de origem Tupi. Se existe em Goiânia uma Avenida Anhanguera, há, em contrapartida, as avenidas Goiás, Tocantins, Paranaíba e Araguaia na capital goiana. Se há Televisão Anhanguera, uma universidade e um bairro com o nome desse bandeirante, há também a Faculdade Goyazes, a cidade de Goiânia e seus neologismos, como Goianira, Goianápolis, Goianésia; e o Estado se chama Goiás, plural do índio Goiá, que deu origem ao também Estado do Tocantins.

O Projeto Goiás +300

O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) – instituição que em 7 de outubro de 2022 completou 90 anos – e a incipiente Sociedade Goiana de História da Agricultura (SGHA) conceberam o *Projeto Goiás +300 – Reflexão e Ressignificação*, que deverá se estender do ano de 2022 até 2026. O que pretende o *Projeto Goiás +300*? Primeiramente, não se trata de uma “comemoração festiva”, antes, constitui “um chamamento à reflexão e à ressignificação da história deste Estado, desde seus primórdios até a atualidade”. Não há que se comemorar o início da colonização mameluca, já que os conflitos advindos do processo colonizador fundamentaram-se no apresamento, na dor do exílio e na escravidão dos povos originários deste território. Mas há que se registrar o impacto e o legado

desse encontro de culturas, além dos mamelucos paulistas e europeus, que, juntos, originaram o povo goiano do presente, incluindo os remanescentes indígenas, quilombolas e afro-americanos. Esses impactos incluem ainda a expansão territorial dos domínios de Portugal, para Oeste da Linha de Tordesilhas, e as consequências econômicas, ambientais e culturais que trouxeram para a região. O papel do historiador é trazer à luz os fatos históricos e deles tirar conclusões científicas, de modo a produzir sua ressignificação e prevenir males já identificados.

O *Projeto Goiás +300* não tem o viés negativo de comemorar o genocídio sabido dos povos originários no território goiano, nem a substituição da cultura dessas etnias, mas tampouco se acomodará em patrocinar o negacionismo raso, ou o mero revanchismo histórico. Antes, pretende chamar ao debate historiadores, sociólogos, geógrafos, geólogos, agrônomos, veterinários, biólogos, antropólogos, educadores, literatos, jornalistas, engenheiros, arquitetos, advogados, médicos, artistas, escritores e profissionais de todas as áreas do conhecimento, além de instituições representantes das comunidades indígenas e afrodescendentes, das mulheres e das minorias. O projeto não é um jubileu laudatório aos bandeirantes; antes, é um chamado à correção histórica, que visa à evidenciação de valores dos povos colonizados, de etnias diversas que habitavam o território do índio Goiá naqueles dias, muitas delas ainda resilientes em Goiás e no Tocantins.

Para os coordenadores do *Projeto Goiás +300*, retirar ou erigir monumentos de bronze não restituirá a pureza perdida, nem apagará a história vivida. Nossos ancestrais indígenas, africanos e mamelucos devem ser reverenciados pelo que nos legaram toda vez que nos assentamos para uma fausta refeição com frutos e ingredientes silvícolas; quando esclarecemos aos nossos filhos que o peixe à mesa é piramutaba ou piraíba; quando bebemos suco de caju ou de pitanga; quando sorvemos o creme de açaí ou de cupuaçu;

quando brindamos nosso paladar com o doce ploque da jabuticaba e nostalgia de infância; quando raspamos com os dentes a polpa de pequi, evitando morder o caroço, por motivos dolorosos que aprendemos desde tenra idade; quando chegamos em casa e tiramos os sapatos para o reconfortante descarregar de íons da peleja cotidiana e nos conectamos à mãe-Terra; quando nos entregamos ao relaxante banho diário que aprendemos com nossas eneavós, cunhãs de diversas tribos, conforme ensina Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*. Pesquisadores indígenas e quilombolas, além de estudiosos das questões autóctones, foram convidados a colaborar com esse projeto e a publicar suas cosmovisões, seus protestos e suas formas de resistência e vitórias.

Goiás +300 pretende ressignificar nossas origens ao som do afro-samba e do berimbau de Baden Powell, do potente violão e na religiosidade benguela de Dorival Caymmi; na goianidade do *Manakereki* de Wanda e Adalto; no *Araguaia* de Rinaldo Barra; nos *Fru-tos da Terra* de Genésio Tocantins e Hamilton Carneiro; na *Saudade Brejeira* do maestro José Eduardo Moraes e Nasr Chaul; na *Vila Operária* de Antônio Siqueira e Renato Castelo; no *Rio Vermelho* de Manoel Amorim; nas *Noites Goianas* dos Joaquins – o Bonifácio e o Santana –; na *Cantiga Boa* de Itamar Correia... nas Cavalhadas, nas folias de Reis e do Divino (*Nós Fiéis*) com Gustavo Veiga e Carlos Brandão; no Fogaréu; em *Goiás – sempre no coração* com João Caetano e Nasr Chaul; nas Congadas catalanas; nas serestas com Marcelo Barra, e no *Fado de Vila Boa*, de Pádua e Chaul; no *Pantanalto*, com Luiz Augusto e Mustafé, “até o Rio Coxim”, ou até *O outro lado da lua*, com Fernando Perillo e o historiador Chaul. Em todos esses sons, o violão onipresente e a guitarra de Luiz Chaffin, o baixo de Bororó, de Marcelo Maia, a bateria de Sérgio Pato e Moka; as vozes marcantes de Maria Eugênia, de Débora Di Sá, de Larissa Moura, de Cláudia Vieira, e todas as *Flores de Goiá*. Ressignificar Goiás do Fogaréu, das Pastorinhas, das catiras, das folias de Reis

e do Divino; das bandas Euterpe, Phoenix e no *Concerto dos sapos*. Resignificar Goiás nos atabaques e nos zabumbas, no pandeiro e no chocalho. No pequi e no quibebe de mandioca, herança das mães América e África no mesmo prato.

Metodologia

Iniciado no dia 1° de fevereiro de 2022, o *Projeto Goiás +300* visa à publicação, até 2026, de 18 livros de história sobre os seguintes temas: *História; Geografia; Memória e Patrimônio; Literatura; Agricultura familiar e Agronegócio; Música; Povos originários indígenas, quilombolas e formadores; Artes Visuais; Artes Cênicas; Direito e Justiça; Alimentação, Saúde e Medicina; Artesanato e Arte Popular; Educação e Cultura; A mulher e o empoderamento feminino; Cinema e audiovisual; O bandeirismo e os primeiros arraiais; A literatura dos viajantes; e Direito, posse, luta e propriedade da terra.*

Na primeira fase do projeto, foram publicados três livros (lançados no dia 14/12/2022), com os respectivos organizadores: *História* (Eliézer Cardoso Oliveira, da UEG, e Thalles Murilo Vaz Costa, da Seduc-Goiás); *Geografia* (Eguimar Felício Chaveiro, do IESA/UFG, e Ricardo Assis Gonçalves, da UEG); e *Memória e Patrimônio* (Lenora de Castro Barbo, do Icebe, e João Guilherme da Trindade Curado, da Seduc-Goiás). Na segunda fase, *Literatura* (Bento Araújo Alves Jayme Fleury Curado, do Icebe, e Goiandira Ortiz de Camargo, da UFG); *Agricultura Familiar e Agronegócio* (Sandro Dutra e Silva, da UEG e UniEvangélica, e Nilson Jaime, do Icebe e SGHA); e *Música* (Aline Santana Lôbo, da Seduc-Goiás, e Marshal Gaioso Pinto, do Instituto Federal de Goiás - IFG), a serem publicados em 2023. A cada nova fase serão acrescentados três novos títulos à coleção. Cada livro comportará dezenas de autores, com artigos científicos. A curadoria e a coordenação geral da coleção são do presidente

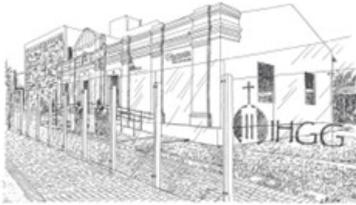
do IHGG, Jales Mendonça, e de Nilson Jaime, presidente da SGHA e do Icebe.

A *Coleção Goiás +300* contará com cerca de 400 autores das seguintes instituições: Academia Anapolina de Letras (Anale); Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (Aflag); Academia Goiana de Letras (AGL); Academia Goianiense de Letras (AGnL); Academia de Letras e Artes de Anicuns (ALAA); Academia Palmeirense de Letras, Artes, Música e Ciência (Aplamc); Academia Pirenopolina de Letras e Artes (Aplam); Associação Cultural, Literária e Educacional Mãos e Olhares Diferentes (Aclemod); Associação Goiana de Artes Visuais (Agav); Associação Goiana de Imprensa (AGI); Academia de Letras do Extremo Sul Goiano (Alesg); Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de Goiás (Aeago); Comissão Goiana de Folclore; Escola de Artes Basileu França; Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea-GO); Eco Academia de Teresópolis; Gabinete Literário; Instituto Altair Sales (IAS); Instituto Bariani Ortencio (Icebo); Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (Icebe); Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa-UFG); Instituto Federal de Goiás (IFG); Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Jataí; Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG); Instituto Sicoob UniCentro Br; Museu Pedro Ludovico; Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de Goiás (OAB-GO); Orquestra Sinfônica de Goiânia (Osgo); Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO); Secretaria de Estado de Cultura de Goiás (Secult); Secretaria de Estado de Educação (Secduc); Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia; Sindicato dos Advogados do Estado de Goiás (Saeg); Sociedade Goiana de História da Agricultura (SGHA); União Brasileira de Escritores (UBE-GO); União Literária Anapolina (ULA); Universidade de Brasília (UnB); Universidade Estadual de Goiás (UEG); Universidade Evangélica de Goiás (UniEvangélica) e Universidade Federal de Goiás (UFG).

Além dos livros, o *Projeto Goiás +300* realizou, em 2022, um

concerto, sob os auspícios da Orquestra Sinfônica de Goiás (Osgo), e planeja exposições de arte e fotografia, além de 30 colóquios temáticos, on-line ou presenciais, envolvendo cerca de 90 pesquisadores.

Goiás +300 é um chamado à reflexão e à ressignificação, onde a sociedade goiana é desafiada a ensimesmar-se de suas origens indígenas, afro, mameluco-bandeirante, ibérica e europeia, apropriando-se dos elementos étnicos e antropológicos herdados dos povos originários e africanos, sem olvidar da compensação devida pelo enorme passivo social que Goiás tem com as populações autóctones e quilombolas que vivem neste Estado.



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Discurso pronunciado durante o almoço de confraternização dos 90 Anos do IHGG²²

Elizabeth Abreu Caldeira Brito²³

Charles Jones afirma: “Daqui a 5 anos, você estará bem próximo de ser a mesma pessoa que é hoje, exceto por duas coisas: os livros que ler e as pessoas de quem se aproximar.”

Sendo assim, em cada um dos cinco quinquênios dos últimos anos, eu deixei de ser a mesma pessoa que fui, na escala de evolução pessoal a que se refere Charles Jones, pois atuando no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, tive e tenho a oportunidade de aproximação com a elite e os ícones da cultura, da literatura, da história, da geografia e das ciências goianas.

Sinto-me um Forrest Gump (o personagem do filme do mesmo nome) com relação à história recente e evocativa, minha e do IHGG, pois vivenciei, durante mais de um quarto de século, sua trajetória histórica, suas conquistas, seus voos além-mares e seus dissabores – quantos dissabores!!! (Lembro-me dos recorrentes rou-

22 Discurso proferido na solenidade de comemoração dos 90 Anos do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, realizada no dia 7 de outubro de 2022.

23 Sócia Titular do IHGG, Cad. nº 07, cujo Patrono é Arlindo P. Cardoso.

bos à nossa sede e da demanda perdida para a Enel, dentre outros). Contudo, são as conquistas que nos honram e nos elevam aos píncaros da existência e nos fazem ver que a dedicação, o altruísmo e o empenho de todos tornam memoráveis o vir a ser do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e, por conseguinte, a essência dos que dele compartilham a vida.

Esta egrégia Casa de saberes e conhecimentos histórico-geográfico-culturais e artísticos passou a ser, em minha vida, uma das grandes prioridades desde o final da década de 1990.

Neste espaço, tive a oportunidade de partilhar, enquanto secretária-geral, chefe de gabinete e assessora das presidências, as demandas vivenciadas por quatro ícones da história, da cultura e da pesquisa goianas. Exímios produtores e gestores culturais.

Inicialmente, auxiliiei o Midas Goiano, título dado ao escritor José Mendonça Teles pelo Mestre dos mestres, Bariani Ortencio, com a assertiva de que ao seu toque tudo se transformava. Convidada por Mendonça para atuar por seis meses no IHGG, permaneci por mais de 26 anos. Mendonça Teles sentia-se orgulhoso por pertencer ao PC – Partido da Cultura. Sua atuação abnegada teve, dentre inúmeras conquistas, esta sede.

O poeta Aidenor Aires dinamizou e expandiu as fronteiras geográficas e imaginárias entre o Brasil e a América Latina. Partilhou a arte, a literatura e a historiografia goianas e brasileiras com os irmãos latino-americanos. Estreitou laços de amizade, de fraternidade, de lirismo, de história e de geografia entre os povos. Vestiu o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás com os mantos sagrados de tecnicismo, de cientificidade e de academicismo.

O escritor Geraldo Coelho Vaz, cuja existência, ações, gestos, atos e palavras me remetem ao especialista em ética política indiana Mahatma Gandhi, quando disse: “Não existe caminho para a paz. A paz é o caminho.” Sua presença de placidez, de serenidade, de

irmandade, de amizade e de ações voltadas às conquistas dos interesses e objetivos do IHGG ampliou parcerias, fortaleceu caminhos de união e proximidades entre associados, instituições congêneres, universidades e comunidade.

A exitosa gestão, sob a liderança do Dr. Jales Guedes Coelho Mendonça, desperta em minha memória de encantamentos a lembrança do presidente Juscelino Kubitschek, que vislumbrou com um *slogan* a sua atuação frente ao País. Sentenciou que “o Brasil viveria 50 anos em 5”. Para o nosso 10º presidente, Dr. Jales Mendonça, a frase seria: “O IHGG viveu 50 anos em 1”.

Suas ideias e ideais, suas parcerias inovadoras, sua dedicação diuturna, sua ampla gama de apoiadores alavancaram o nosso Instituto ao ápice da glória. Nem mesmo ele, o IHGG, caso pudesse pensar, vislumbriaria a gama de conquistas e desenvolvimento nesse parco espaço de tempo.

Parabéns, meu Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (lembrando as palavras emocionadas do Dr. Colemar Natal e Silva ao retornar ao IHGG, já amparado o corpo pelo pesar dos anos, após longo tempo de ausências e ao reconhecer que estava em sua sala, nas dependências da instituição).

Parabéns, meu tipo sanguíneo e RH de meus afetos, corroborando as palavras do Dr. Jales Mendonça, quando ele afirma que meu sangue é IHGG Positivo.

Parabéns aos ex-presidentes, que usufruem da oportunidade de viver e ver no que o IHGG se tornou nesses 90 anos de existência e nesses anos de gestão.

Parabéns, associados, que mantêm vivas e pulsantes as ações em prol dos objetivos dos iluminados fundadores de nossa instituição: os de alavancar os estudos da história, da geografia e, ainda, de ser o guardião da memória e do patrimônio do nosso povo.

Reverencio aqui o inesquecível advogado, jornalista e político goiano José Honorato da Silva e Sousa, que convocou e realizou a

histórica reunião do dia 7 de outubro de 1932, concretizando, assim, os ideais contidos na Lei 629, de 2 de agosto de 1918.

Parabéns, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, por sua profícua existência!

Vida longa, meu amado IHGG e seus integrantes!

Obrigada!

Louvação ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás de Frente para a História

Miguel Jorge²⁴

Que esta nossa história certa e bela/ Se ilumine com a
Luz de todos os astros/ De todos os santos/ E com essa
Alta noite que se cala agora/ Como se calam os pios dos
Santos pássaros/ Todos os símbolos/ Todas as salas
Ordenadas para valer-se do encantamento desta noite
De 21 de Março de 2022/ Que se deixa tão presente
Como parte de qualquer coisa/ Um sonho, por
Exemplo/ E se enobrece com este acontecimento que
Se levanta e se desperta no silêncio urdido do
Nonagésimo aniversário do Instituto Histórico e
Geográfico de Goiás/.

Percebemos, por mais que haja guerras no mundo/ As
Mãos estendidas para a união de forças/ Que
Prontificam a aura do progresso/ E dele as próprias

24 Poeta, teatrólogo, romancista e contista. E-mail: migueljorgeescritor@gmail.com

Vidas/ Na vertigem móvel do tempo/ Nas horas cheias
Em que a loucura dos sonhos se reflete sob a luz
reflexiva das estrelas/.

São estas épocas históricas/ Talhadas em força e
União/ Que colorem nosso universo em muitas
Maravilhas/ Os grandes espaços por onde percorrem
As aureólas da vida/ A magia de se efetuar o intento
em poucos meses nas passagens das horas/ O
trabalho/ a força/ Mãos ágeis que agem/ O homem/ O
Cimento/ A Cal/ A casa que se faz/.

A sensação de atingir o atingível e verificável que
Parecem desafiar as coisas diversas/ Recomeçar por
Onde as estrelas recomeçam/ Pois a vida para nós é
Feita de histórias/ Nós e o mundo de mistérios que a
Gente anseia por decifrar/ Mesmo que todas as lógicas
Nas mãos/ Mesmo com o que pensamos sobre: o que é
A vida? Dormimos e acordamos contentes com a razão
De nossas fábulas/ Com o silêncio do que vimos
Inspirados pelos anjos/ Sim, são deles, Sicoob
UniCentro Br e IHGG, a união perfeita/ A atenção
Solene no cerimonial desta noite/ As mãos dadas sobre
A mesa. Todos os esforços realizados para se conseguir
Uma nova cara/ Bonita e moderna/ Para a perpetuação
Do nome da “Casa Rosada de Goiânia”/ As cores
Tecidas neste espaço/ A realização dos cortes/ As
Emoções que se aqueciam por dentro/ Os rodízios/ As
Medidas/ Os gritos verticalmente postos dos
Trabalhadores da construção que voltavam para os
Espaços do tempo/ E dos homens em sua fé/ Em sua
Absoluta simpatia pela cultura/.

A renda forte das paredes já a lançar cores pelos
Campos deste reino/ O renascer dos frutos já
Renascidos/ O inquieto e manso ar das ruas a unir as
Pessoas em uma interação comum/ Esta foi a meta dos
Bravos guerreiros desta casa/ Da casa dos nossos
Aliados da Sicoob/ Todos eles doutores/ Que tinham a
Planta e o sonho aos seus pés/ E que ascenderam/
Cintilantes/ Num repente/ O esplendor desta casa de
História e Geografia/ Para nós, os goianos, e para toda a
Humanidade/.

Havia então o instinto da transformação surgida em
Suas mentes/ A chama/ O progresso para o amanhã/ E
Lançaram aos ares o clarão desse hino sagrado que é a
Nossa própria história/ Salve, pois, a ousadia desses
Mestres doutores/ Salve, pois, a mesma trama que
Enlaça os laços que fundamentam a realidade de nosso
Cotidiano/ Vestígios interiores de nossas vidas/ Forma e
Suporte para estudos e meditações/O reino múltiplo de
Nossas raízes/.

Ora, vejam, pois/ O Instituto Histórico e Geográfico de
Goiás necessitava de outros Ornamentos/ Mais densos/
Modernos/ Atuais/ A se Mover com seus passos/ Que
Poriam fim às suas falhas/ Necessitava de flores/ De
Novas máquinas, giradas em modernidade/ De espaços
Que se mostram aos olhos dos chegantes/ De um café
Com seus aromas de seda/ De um novo destino já
Buscado pelos escritores/ Historiadores/ Estudantes/
Que acreditavam nesse novo mundo dentro das raízes
E Goiânia/ Nossa cidade formosa/.

Como se fora este o sonho que guardava os ruídos dos
Rios/ O transe da lua/ O sopro de aragem vindo dos
Céus/ Toda a alma posta neste universo particular de
Vivência humana/ Assim, como num toque de mágica/
Com sensibilidade/ Energia/ Inteligência para entender
A grandiloquência do mundo em sua atualidade/.

Quebraram-se pedras/ Se assentaram ferros/ Se
Cozeram a cal/ Reformaram ternuras/ O velho servindo
Ao novo/ Assim tudo se convertia para o bom/ O
Melhor/ E a “Casa Rosada de Goiânia” foi
Acordada/ Todos os esforços coroados de êxitos/
Renasciam as lembranças/ Os Movimentos/ As visões
De um tempo que é nosso voltavam às suas origens/
Realizou o que se pretendia realizar/ E assim, se
Inscreveram os nomes nos espaços desta casa para
Sustentar nossa ficção e nossa história/.

Miram-se de perto as palavras:

Humanismo/Fraternidade/Solidariedade/
Cooperativismo/ O preço sem perda do ouro/
Engrenagens dos elos que lançaram essa cadeia de
Haver/ Com os arrojados cantos desta estrada de sol
Sobre o rosado manto deste sobrado
Um novo trabalho/ Um novo olhar para o alto/ Uma
Gradual subida pela vida nas vagas sombras de luz
Deste ponto de cultura/ Louvemos, pois, esta nave
Gente/ Os primeiros nomes que edificaram esses
Valores e fizeram valer o sentido que aguça nossos
Desejos/ São as sensações de momentos do passado
Que existem para nós/ Dentro de nós/ E nestes nomes

De escrita e de palavra/ Residem por inteiro os rumos
De nossa história/.

Expedito Ramalho de Alencar/ José Honorato da Silva
Souza/ Francisco Ferreira dos Santos/ Colemar Natal e
Silva/ Augusto da Paixão Fleury Curado/ Agnelo Fleury
Curado/ Alfredo de Faria Castro/ Luiz Ramos de Oliveira
Couto/ Dario Délio Cardoso/ Albertino de Godói/ Alcide
Celso Ramos Jubé/ Vasco de Sousa/ Gustavo Gonzaga/
Albatênio Caiado de Godoy/ Horestes de Brito/ Pedro
Gomes de Oliveira/ Mário de Alencastro Caiado/
Benjamim da Luz Vieira/ Nomes ilustres/ Rios destes
Signos de pele e corpo /Verdadeiros sopros de vida que
Nos guiaram até aqui/.

Então, sonho por sonho/ Aqui estamos nós/ Tomados
De momentos importantes em nossas vidas/ Então,
Sonho por sonho/ o infindável silêncio ao encontro das
Rotas e do espírito de Goiás/ Em meio às névoas de luz
Dos seus ouros/ Uma cidade/ Uma aurora a se espelhar
No tempo de um sol aberto e quente/.

E se sonha, então, peregrinar pelas indizíveis Serras
Azuis/ As feições de calma e beleza do verdor de nosso
Estado/ Que é meio pássaro/ Meio coração a se perder
No templo das planícies/ Sonho por sonho se refletem
As sombras e ecos do passado/ Suporte para as
Melhores meditações/
E tudo isso me afigura em um tempo em que a
Poesia se fazia de paixões/ E de infinitos e calorosos
Esplendores/ E por onde muitos dias raiaram com
Destemida glória/ No equilíbrio do silêncio/ Das cores

De um céu ainda azul/ De um tempo ainda nosso/.

Bom tomar conhecimento deste momento e
Compreender sua beleza/ Bom ouvi-lo através das
Vozes que nos vêm de longe e dão cores à nossa
Paisagem/ Por agora se vê olhares e rostos compassivos
De orgulho girando por este patrimônio/ À cor desta
Casa inspiradora de um novo renascimento/.

Caminhamos com ela/ Caminhamos por ela/
Caminhamos com seu presidente Jales Mendonça, que
Abriga nossas falas/ E nos poupa de uma ânsia/ Um
Tédio desconhecido/ Caminhamos pelas divisões de
Suas alas que abrigam o conforto da luz certa/ Os
Livros/ Os jornais/ O corpo e razão/ Ala de nossa
Gente/ Dos bandeirantes e dos Indígenas/ Da nossa
Palavra escrita e falada/ Do nobre destino do escritor/
Que nos dá a sensação de estarmos vivos/.

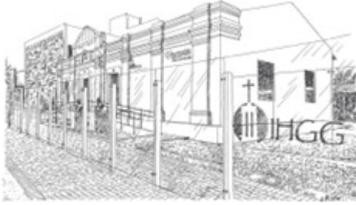
Esta é a emoção do que é/ E do que foi/ A sensação
Pessoal de cada um/ De nossos braços abrindo-se para
Os abraços/ E de nossos corações tantas vezes julgados
Por sonharem alto agora se engrandecem/ Há ritmos
Amorosos nestes versos/ Há dança de movimento
Nestas palavras que abrigam fatos/ Fotos/ Telas
Documentos/ Periódicos/ Como o renascer das horas
De um amanhã de intenso sol amarelo/.

Das vozes que cantam/ Da mente fértil destes mestres
Idealizadores desta escultura de tinta/ Ferro/
Argamassa/ Altar para nossas preces/ Para as ideias
Atadas em nossas mãos/ E tudo isso é vida/ É pela vida/

E os anjos a dizer amém/ Amém/ Amém/ Valei-nos as
Bênçãos dos céus/ Velei-nos os companheiros de
Ontem e de agora/ Valei-nos os caminhos por eles
Percorridos/ Sem fadiga/ Como um prêmio aos que
Viriam depois/ No dizer que bem mereciam por
Acreditarem na engrenagem de um novo sistema/ De
Novos elos tomados de novas metas/ De nova luz/ De
Um novo trabalho/ Que podem crer é de um olhar para
O alto/ Uma gradual subida pela vida/.

O despertar de Goiânia em meio às névoas/ Da luz
Úmida de Seus palácios/ Uma cidade/ Uma estrela a
Refletir uma Casa Rosada/ Aurora que se abre numa
Noite de ardentes devaneios/ Indormidos/ Por onde
Ecoam as sombras dos ecos de um passado recente/ E
Por onde muitos dias raiaram com destemida glória/.

Então, meus caros senhores doutores da Sicoob UniCentro Br e
IHGG, onde existem esperanças, as
Esperanças se professam/ Pois no dizer de Nietzsche
*“Cultura é o esforço permanentemente de superar
com eficácia/ Ao menos num território interior/ A
indiferença do mundo”*./



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

De gerânios e gerúndios

Gilberto Mendonça Teles²⁵

(A Nilson Jaime)

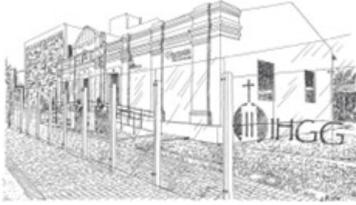
Quero morrer por lá!
morrer mil vezes se é que já não estou morto para muita
[gente a quem fiz algum favor...
morrer em cada lugar onde fui feliz
morrer andando descalço nas enxurradas depois da chuva
decorando aos onze anos a pedido da professora

25 Professor Emérito / Titular da PUC-Rio e da Universidade Federal de Goiás; Honoris Causa da Universidade Federal do Ceará e da PUC de Goiás. Lecionou no Uruguai, na Argentina e nas universidades de Portugal (Lisboa), França (Rennes e Nantes), Estados Unidos (Chicago) e Espanha (Salamanca). Poeta e crítico. A sua poesia encontra-se reunida em *Hora aberta*, 4ª ed., com 1.114 p. pela Editora Vozes em 2003. Entre seus livros de ensaios se destacam *Drummond – A Estilística da repetição* (4ª ed. 2021), *Camões e a poesia brasileira* (4ª ed. em Portugal), *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro* (21ª ed. pela J. Olympio), *Defesa da poesia* 2 vols. (2020, ed. do Senado) e *Memórias / Entrevistas*, em 2 vols, reunião das entrevistas concedidas a rádios, jornais e televisão. Está no prelo da J. Olympio *Drummond & Gilberto - as Dedicatórias e a Correspondência trocadas entre si*. O autor recebeu da ABL os prêmios “Olavo Bilac”, de poesia, em 1971; o Prêmio “Sílvio Romero”, de Crítica, em 1971; e o “Machado de Assis”, em 1979. Tem antologias poéticas na França, em Portugal, na Espanha, na Alemanha, na Itália, na Romênia, na Bulgária e nos Estados Unidos. Pertence à Academia das Ciências de Lisboa e recebeu do governo português a Comenda do Infante D. Henrique. O governador de Goiás lhe concedeu a comenda Ordem do Mérito Anhanguera, em 2004. E a AFLAG lhe deu, em 1979, o título de “Príncipe dos Poetas de Goiás”.

o poema “Anoitecer” de Raimundo Correia sem saber
[o que significava *esbraseia ocidente* e púrpura
[mas gostando de pronunciar tais palavras
tomando banho (escondido) no Meia Ponte
pedindo a mãe para cantar *Gentil Pastora* e *Casinha da Colina*
quebrando a cabeça diante de um problema de matemática
pelejando três dias num soneto que a menina nem leu
pescando piau e piampara no Rio Turvo
discursando no segundo aniversário da UCG
abrindo os cursos de cultura brasileira no CEB da UFG
bebendo vinho verde tinto na feira de Lisboa
descendo de sobretudo o *boulevard* San Michel em Paris
almoçando mariscos galegos em La Sirena de La Gran Vía
redigindo e lendo uma *atadoyle* na presença de celebridades
ouvindo o reitor da PUC Rio me ver como as raízes de um
[pau-terra.

Ah! chega de tanto gerúndio dirá alguém que não sei
e que te falará da música inimaginável do silêncio
e – vejam só – fará alusão à mulher que logo me reencontrará.
– Ela virá nua e límpida / e já vem te seguindo escondida
há muito tempo à espera de te envolver
na sombra transparente de teus próprios passos.
Chegará de mansinho pelo cerrado num dia qualquer
e logo te fará carinho e te convidará para compor com ela
o sentido impossível da palavra absoluta
que um vento sem tempo espalhará nos extremos
alcantilados das cinzas de teus gerânios e gerúndios.

(Rio, 12.12.22.)



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Traições, Viagra e Tiros Dentro da Noite

(Dos diários de Carla Cepollina)

Edival Lourenço²⁶

Meus amigos nunca entenderam. Meus pais nunca aceitaram. Até bem pouco, eu mesma nunca chegara a compreender direito quais forças me arrastaram para o núcleo trágico da vida do Coronel Ubiratan.

Aparentemente não temos nada em comum: nasci de uma família bem estruturada, num bairro grã-fino; ele, de uma família em ruínas, numa periferia lascada. Tive educação esmerada na Europa, ele se ralou na caserna. Nem à mesma geração nos pertencemos. Sou 23 anos mais jovem que ele. Nada temos a comungar, a não ser esta pulsão fatal e incontrolável pela tragédia.

Meu analista diz que fui atraída por ele em razão de sua aura de poder violento, que ele passou a empunhar depois que apagou tantas vidas de uma só vez. E o mesmo motivo que provocou a minha aproximação me levou a matá-lo, pois era como se eu tomasse

²⁶ Ex-presidente da UBE-GO, ocupante da cadeira 22 da Academia Goiana de Letras, ex-secretário de Cultura do Estado de Goiás, autor do romance "Naqueles morros, depois da chuva", prêmio Jabuti de 2012. E-mail: edivallourenco@gmail.com

para mim a força poderosa que nele eu via. Pode até ter uma certa lógica, mas não tem nada de verdadeiro.

Há mais mistérios entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia, como disse Shakespeare, o bardo inglês, com muita propriedade. No fundo, o que existe é um liame secreto e inquebrantável. Ocorre que desde muito cedo eu soube que minha vida seria regida pelo número 11, que é a plenitude do $10+1$, o transbordamento, a desmesura, o viver em seu teor máximo, no limite, na raia da ruptura, já alcançando a falha universal, entre o factível e o fugaz. Como a carne e a carniça: questão de tempero e tempo. É o número do brasão do pecado, segundo Santo Agostinho. O número de apóstolos de Cristo, quando subtraído Judas, que era traidor desde sempre. É o número da missão Apolo, que levou o homem à Lua. É a quantidade de letras da palavra Escatologia, que é a doutrina que estuda o destino irrefreável e final do homem, do mundo e de todas as coisas.

Agora há pouco, porém, numa pausa que construí no meio deste burburinho, peguei lápis e papel e levantei alguns dados sobre o Coronel Bira e eu nessa situação aberta em escâncaras. Pude constatar o que eu já desconfiava: que a vida dele, até mais que a minha, está toda entremeada pela exuberância do número 11.

Senão vejamos: Coronel Bira, como é tratado na intimidade, tem 11 letras. Nasceu no mês 04 do ano de 43, cuja soma dá 11. A marca maior de seus feitos são os 111 mortos sob seu comando, no episódio que ficou conhecido como a Chacina do Carandiru.

Vejam só: seu crime foi enquadrado no Artigo 121 do Código Penal, que equivale ao número 11 em seu quadrado, ou seja, $11 \times 11 = 121$. Já o número 111 enseja a fatalidade numa combinação explosiva. É como se fosse um 11 entrelaçado com outro, com o algarismo 1 do meio a serviço de ambos os numerais, numa conexão nefasta de máximo grau. É a estricnina transcendente e multiplicativa que teve a capacidade de envenenar o número 6, o símbolo

do Gênesis, elo entre o princípio divino e a manifestação física do mundo em seis dias, e convertê-lo malignamente no 666 ($111 \times 6 = 666$), representativo da besta do Apocalipse, quando finalmente se manifestará a descrença de Deus, a depressão. Quando ocorrerá o desmoronamento escatológico de todas as forças de sustentação universal.

O tumulto que desaguou no Massacre do Carandiru foi iniciado pelos líderes de duas facções internas rivais. De um lado, o “Barba”, de outro, o “Coelho”, cuja soma das letras dá 11. A situação fugiu do controle às 14h e 51min, em que a soma é 11. A invasão foi comandada por 1 coronel (Ubiratan) mais 325 soldados, números que tendo seus algarismos adidos redundam em 11. A hora provável do tiroteio foi às 18:20, que é igual a 11. O número de disparos contabilizados pela perícia foi de 515 ($5+1+5=11$). O massacre propriamente aconteceu no pavilhão 9, portão 2, um local conflagrado pelo número 11.

Livrou-se da prisão temporária, aguardando o julgamento em liberdade, pelos furos existentes na Medida Provisória 111, que se converteu na Lei 7.960 ($7+9+6=22$). O número 11 dobrado, com metástases de malefícios.

Seu julgamento pelo massacre começou no dia 20/06/2001, com a soma resultando em 11. No primeiro júri, foi condenado a 632 anos de reclusão ($6+3+2 = 11$).

A frase mais emblemática que ele proferiu em sua própria defesa foi “Se minha intenção fosse matar, teriam morrido muito mais de 111”, que tem 11 palavras. Além do cabalismo numerológico, essa frase deixa transparecer a opressão da força maior a que fora submetido na realização de seu desatino.

Quando nos aproximamos, eu e Coronel Bira, fomos conduzidos pelas forças ocultas do número cabalístico, que é ao mesmo tempo divino e libidino, sacro e escroto. Nós nos conhecemos num evento militar em que eu representava minha mãe, no dia

01/07/2001, data que, somada em seus algarismos, resulta em 11. Ubiratan + Carla Cepovilla têm exatamente 22 letras, que, divididas por dois titulares, dão a parcela de 11 para cada um. Inicialmente marcávamos nossos encontros no “clube de tiro”, que tem 11 letras.

Coronel Ubiratan tornou-se deputado sob o número 111 e integrou a temerosa “banca da bala”, que é constituída de 11 letras. Antes da celebridade alcançada com o massacre dos 111 no Carandiru, foi cavaleiro do Regimento da Cavalaria e o cavalo que montava era o de número 111. Foi enterrado na campa que tem o 111 como número identificador, no dia 11 de setembro de 2006, no aniversário do ataque ao World Trade Center, que tem a forma de torres gêmeas, ou seja, um 11 gigante.

Essa coincidência de números 11 segue numa sucessão tão assombrosa quanto enfadonha.

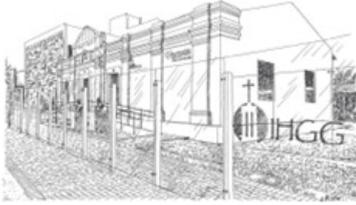
Com esta breve demonstração, eu quis apenas dar uma pista de que nem o Coronel Bira nem eu temos qualquer culpa ou dolo em toda essa sucessão de tragédias. Tudo já estava desenhado pelos propósitos do além. Forças descomunais e irresistíveis impuseram as situações, apontaram as armas e premiram os gatilhos. Fomos instrumentos involuntários de desígnios insondáveis.

Quem tem um mínimo de cultura teosófica sabe que o número 11, e suas formas múltiplas, é o desequilibrador dos elementos constitutivos do universo, determinante de doenças e erros. É esse número cabal o símbolo da luta interior, da rebelião, do extravio, do pecado original, da revolta dos anjos, enfim.

Se nem os anjos, que são assessores diretos de Deus, puderam resistir a seus efeitos desagregadores e decaíram; se até o próprio Deus já avisou que sua obra física um dia quedará vencida por essa força funesta singular, como poderíamos nós, simples mortais, resistirmos à imposição desse império?

Saibam todos que, visto de um modo superficial e simplista, fui eu quem matou o Coronel Bira, quando ele disse que não

ia mais desperdiçar Viagra comigo, que determinada fulana estava com tudo em cima e que fazia melhor e tal. Mas se olharem a realidade mais profunda, como deve ser, como rogo que façam, tanto o Coronel, na realização do massacre, quanto eu, no seu assassinato, não tivemos culpa nem dolo. Fomos, repito, instrumentos de uma danação de ordem superior, simbolizada pelo número 11, à qual ninguém é dado resistir. Agimos apenas e tão-somente no cumprimento de sentença de um litígio metafísico.



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Setembro e o Linho das Almas

Sandro Dutra e Silva²⁷

A morte havia despertado cedo naquela manhã de setembro. Era um setembro amarelado, cor de palha enferrujada, tal qual a ramaria do milheiral em vésperas de colheita. Aquele setembro se assemelhava a tantos outros, com a mesma sonolência adventícia que bordejava no vento quando o sol passava do meridiano. Naquela manhã cáustica de final de setembro, a vertigem matutina compassava uma dança mourisca no mormaço tremulante no capim agreste, agitando um vulto turvo no panorama adjacente. A estiagem tem sempre essa faculdade debilitante de assoprar um hálito de estupor nas gentes. Também não era apenas o ar de hemisfério intransitivo que todo agosto e setembro senhoreiam. Era uma destruição madrugadora, decidida dos seus afazeres, que alvorou de pronto naquela manhã amarela de final de setembro.

²⁷ Doutor em História (Universidade de Brasília). Docente na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e na Universidade Evangélica de Goiás (Brasil). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, da Sociedade Goiana de História da Agricultura e do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). ORCID: 0000-0002-0001-5726. E-mail: sandrodutr@hotmail.com

Monasticamente caminhava o estrago o seu caminho por entre os campos – limpos, sujos, abertos e cerrados –, acostando-se às matas já nas horas vespertinas. Na claridade escaldante daquela tarde, uma suindara fundada em um tronco seco e retorcido de um pequizeiro defunto repousava à espera do arrebol, para as suas rapinagens noturnas. O sol, embotado, mantinha-se dependurado no céu grisalho – fumando o pito colérico das últimas queimadas – a anunciar que as águas de semear beiravam o mês vindouro. A coisa ruim, por sua vez, seguia o seu trajeto bem-afamado, afagando no campo as gramíneas ressequidas, definhadas e entrelaçadas. Espantou no caminho a suindara de seu repouso, que no arroubo insólito despertado fugiu subitamente, lançando ao vento um grito, crônico e agudo, próprio de sua natureza rapina. Seu rugido ecoou como vaga, presságio frio e fino, que paralisou os mateiros ao oeste. E esses mateiros? Criaturas fronteiriças, de estórias mudas no desbravamento de outras mortes. Entes caiados em fumo negro, que em indulgência ao grito da coruja bancaram a fiança do infortúnio, ao improvisar um “em nome do padre”. Reza segura de abolição que amarrava a anunciação de qualquer súdito agourento. Ao longe, léguas ao norte, a toada mansa de um tropejo anunciava o porvir dos vapores aquosos e quentes dos ventos equinociais. Outubro batia continência. E logo os bandeirantes do fogo regressaram para o seu trabalho.

Com confiança, a destruição seguia o seu trajeto – esguia e com trajes de convenção. Com seus costumes e aviamentos, comboiava para a segadura, ornada e solitária. Certa vez um companheiro, desses aleatórios, conivente de faina que a lembrança esquecida não me recorda, me disse que de súbito divisou com a morte, palidamente varonil e em vestes solenes. Que ele, impávido, mirou-a entorpecido, na convalescência de uma sezão febril de maleita brava. Mas que ela cinicamente o desarrimou, tendo outros interesses de lavra. Decerto o calendário abatedouro não o incluía como prenda

na ocasião. A dita viera ceifar a esposa, que arrendava com ele a pirexia e o tálamo, deixando-o viúvo e assistente de cinco pequenas criaturas no fenecimento sertanejo dos capões sobejos. Sabe-se, porém, que, passados não muitos calendários, ela retornou prontamente àquele rincão. Pois quando falha a maleita, ela convoca para o arremate outros aliados: – Que o Soberano os tenha, na sua graça infinda.

E deixo aqui uma interjeição! Não se aperreie, pois me recordei de um pormenor já quase perdido. Esse varão – que a lembrança insiste em não me recordar – me disse ainda que a morte destruidora não vestia o robe negro do estrago, mas envergava um linhão sujo, empoeirado, como o agosto nas gerais (informação desnecessária que tão-somente assopra uma brasa estúpida e inconveniente).

Passando pelos campos negros de madeira remanente das espécies lenhadas e calcinadas pelas testas de expansão, seguiu a destruição o seu caminho. Assinalou que em breve voltaria a esses entes caiados, trazendo consigo feixes de febres, buchichos e tresmalhamentos. Ela passou por um talhão, onde uma bezerrada curraleira ruminava à sombra de um arvoredado de cega-machados, preceituando o antraz que dizimou os mais gordos e sadios. Esticados e tensos no chão, jazia a boiada sobre um tapete púrpuro da flor derribada. Outras pequenas flores de seda velavam a bezerrada. No mangueiro de porcos, ela semeou uma peste que abateu a vara. A rapinagem abraçava o itinerário funesto, dando voos circulares no céu grisalho da fumaça amarga de setembro.

Naquela mesma tarde, junto às correntes frias do Almas, um bando aventureiro aprazava-se nas lavas verdes e frescas do rio. O dossel circundante de jatobás, oleiros e gameleiras advertia impassível a passagem vespertina dos forasteiros. A confraria era formada por abalizados peritos que se emanaram nas tarefas agrônômicas para a instalação de uma colônia agrícola nesses matos devolutos – promessa fundiária nas abundantes selvas remanescentes onde

imperava a terra boa do Oeste. Uns poucos camaradas sobrenadavam às margens calmas da enseada. Outros remavam uma pequena canoa, observando no topo das árvores os pássaros pitorescos que cantarolavam um lamento de abrandar sentimentos. Nas águas detenças de poça grande, lugar de correntezas com jeito de ebriedades grossas e perigosas, outros poucos camaradas se aventuravam em jogos aquáticos na travessia do rio.

Em episódio contíguo, a morte abraçava decididamente o seu destino, na cadência ritmada que desde a aurora ela perseguia. Cadentemente traçava a oeste o seu curso, na direção do rio. A atmosfera ressequida dos campos precedeu a umidade mansa na galeria perene do capão tropical. A opereta acústica das cigarras, na medida em que se abordava o regato, tornara-se ainda mais ativa e birrenta. Era a anunciação de que os ventos mudariam de direção e que do Norte emanariam chuvas temporãs. Na rítmica de outrora, a morte prontamente imergiu nas águas, transmutando-se em uma criatura esgalgada, engraxada e escorregadiça, que se contorcia como um ofídio, na tentativa de cadenciar reiteradamente o fluxo, de uma margem a outra. Como boiuna, passou pela enseada, onde a covardia acabou por ser a salvaguarda dos veranistas. Os canoeiros, por sua vez, conservavam atenção nas aves e seus cantos, e nem perceberam aquela sombra no rio, que vagava escura e afundada. O tresmalhar da boiuna passou pelo minguido grupo de banhistas que esmurrava o espelho d'água em seu jogo aquático. Categoricamente, seguiu um fluxo transversal subscrito na direção do mais atlético, que se distava dos seus oponentes com braçadas risonhas e enérgicas. A morte, intrêmula, aplicou-lhe os seus aviamentos de sega, paralisando-o. Arrebatado, entorpecido e congelado, foi tragado pelas águas seivosas do rio. Dias depois, os companheiros o encontraram, rio abaixo, numa costa arenosa e cascalhenta, antes do boqueirão, cerca do antigo caminho que levava à gleba dos japoneses. O moço era um médico carioca, que havia deixado a antiga

capital da república para combater a maleita no hospital da colônia. Morreu naquela tarde amarela de setembro, que prometia ser igual a tantas outras.

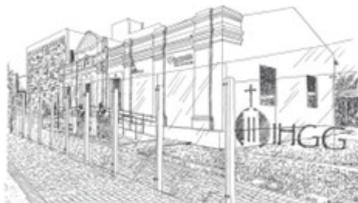
Tranquilamente, então, a morte seguiu rio abaixo, vindo a aportar milhas ao sul, nas proximidades do entroncamento onde o Rio das Almas recebia as águas mansas do Uru. Ao retirar-se do caudal, manifestou o linho pardo das almas, seguindo cadência mato afora no seu compasso. O seu vulto seguiu rumo a oeste, em meio ao som meio calado, meio rumoroso dos matos. Mato de sonoridade súbita perturbada, ora pela estridulação dos muitos bichos ou mesmo pela vocalização das muitas aves. Uma sinfonia orquestrada a suportar o estilo silencioso dos matos. Brados esparsos de araraunas que sobrevoam o dossel verde-escuro em entradas triunfais. Eram os coretos compartes de araracangas e canindés, aves viajantes de raptos migratórios.

O linho das almas partiu para sua rotina incansável em missões diurnas. Do broto da noite ao despertar da aurora. Em uma paragem afastada não muito distante, os mergulhos de crentes a banhar os fiéis perturbavam as águas rasas e verdes do rio, onde se formara um pequeno lagamar. Adornando indumentos longos e alvos, banhavam solenizando em coro o ritual. Desde longe se ouvia o lamento sertanejo, sereno e constante como a voz de regatos. E entoavam uma devoção que dizia:

*“Eu vou morar no céu, linducéu
Céu, linducéu, linducéu, linducéu
Nas mansões que Jesus preparou para mim”*

O sol recolhia a sua cólera para mais uma folga enfastiosa. O vento sedento soprava meridiano, resfolegando-se nas folhagens perenes das espécies ciliares que margeavam o rio. Uns bandos de maritacas festejavam o entardecer em alaridos e algazarras, revoan-

do em curvas, laureando em giros, ansiosas pelo relento das primeiras chuvas. No firmamento, um arrebol multicolorido anunciava o cabo vespertino nos derradeiros suspiros daquele setembro. Setembro açafão cor-de-poeira. Poeira, pó de chão, que a ventania levanta na refega dos ares sobre a terra arada, a cinza dos matos, o capim ressequido e a vereda pisada.



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

A Saga de Zeca Brejeiro

Altair Sales Barbosa²⁸

Em comemoração ao mês do Cerrado. Tá vendo aquele pequizeiro frondoso margeando o restinho que sobrou daquela vereda? Dizem que ali, bem ao lado daquela árvore, existia um rancho de buriti. Nele vivia um moreno com a pele igual à cor de rapadura, conhecido como Zeca Brejeiro. Feroz trabalhador, inteligente e muito cheio das sapiências.

Nos brejos, sem arrancar uma plantinha que ali nascia, ele cultivava feijão, mandioca, abóbora, cabaça e até arroz. Aqui e acolá, entre um ponto e outro da vereda, era comum ver alguns mamoeiros, cujos frutos serviam tanto para seu consumo como também para os animais.

Era mestre em seguir as desconfiadas uruçus. De suas colmeias, ele retirava, sem destruí-las, o mel para sua sobrevivência.

Também conhecia os segredos dos vegetais. Era comum ver vaqueiros transeuntes parados no seu rancho, solicitando ervas para curar alguma doença malinada. Entretanto, sua maior virtude

²⁸ Doutor em Antropologia / Arqueologia. Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás (IHGG). Pesquisador convidado da UniEvangélica. E-mail: altairsalesbarbosa@gmail.com

era o dom da música. Ele era a própria essência dessa arte. Ele mesmo fazia suas rabequinhas e violas, usando pedaços de madeira que já adormeciam por aqueles longínquos e intermináveis gerais. Para seu acabamento utilizava ferramentas rústicas, algumas fabricadas por ele mesmo, no limo da pedra de amolar.



Sua rabequinha tinha quatro cordas de tripa. Era usada apoiada no ombro esquerdo e com a voluta para baixo. Quando a tocava, irradiava no ar uma sonoridade fanhosa como o canto da acauã. Sua viola tinha cinco pares de cordas de arame; quando a dedilhava, era como se ecoasse pelos ares uma orquestra de aves canoras.

Tanto a fanhosidade da rabeca quanto a canoridade da viola deixavam o ar com um sabor adocicado, que entrava pelos ouvidos e acalentava a alma do vivente.

Contam que quando Zeca Brejeiro manejava seus instrumentos musicais, tudo em volta parava para ouvir a sua música. Os rios corriam mais serenos; os ventos deixavam de balançar as palmas do buriti; suçupara esticava seu pescoço, que de longe se podia avistar as galhadas, só para apreciar aquela melodia; suçuarana encostava

a barriga na relva fresca e descansava no leito da vereda. Lobo-guará levantava as orelhas, igual favas de xixá, para ouvir as boas notas que recheavam o ar. Arara, periquito, papagaio, juriti, tudo se aquietava na hora que Zeca Brejeiro tocava.

Um belo dia, rompe naquelas redondezas um som diferente. Não era o som dos ventos, que frequentemente redemoniavam as relvas dos gerais; nem a cachoeira, rugindo nas pedreiras; também não era o grunhindo dos queixadas, nem o esturro da onça-pintada. Era o roncar de um trator puxando uma carreta recheada com bolas de arame farpado.

Zeca Brejeiro, mirando desconfiado aquela cena, pensou consigo mesmo: – Deve ser o tal do grileiro, que certa vez Lídio Vaqueiro me contou. Lembrou que Lídio também lhe havia dito que esse tipo de gente procura apossar-se de grande quantidade de terras, mediante falsas escrituras de propriedade, que adquirem subornando os cartórios.

Não era o grileiro, era apenas um de seus representantes. No outro dia foi chegando mais gente e mais máquinas, que se avolumavam ao sabor do tempo. Tudo isso acontecendo com desprezo à existência de Zeca Brejeiro.

Logo surgiram cercas longas, maiores que as curvas das veredas. As máquinas que chegaram não perderam tempo: de imediato, foram atirando ao chão pedaços daquela vastidão, que os dias se responsabilizavam para aumentar cada vez mais os hectares degradados.

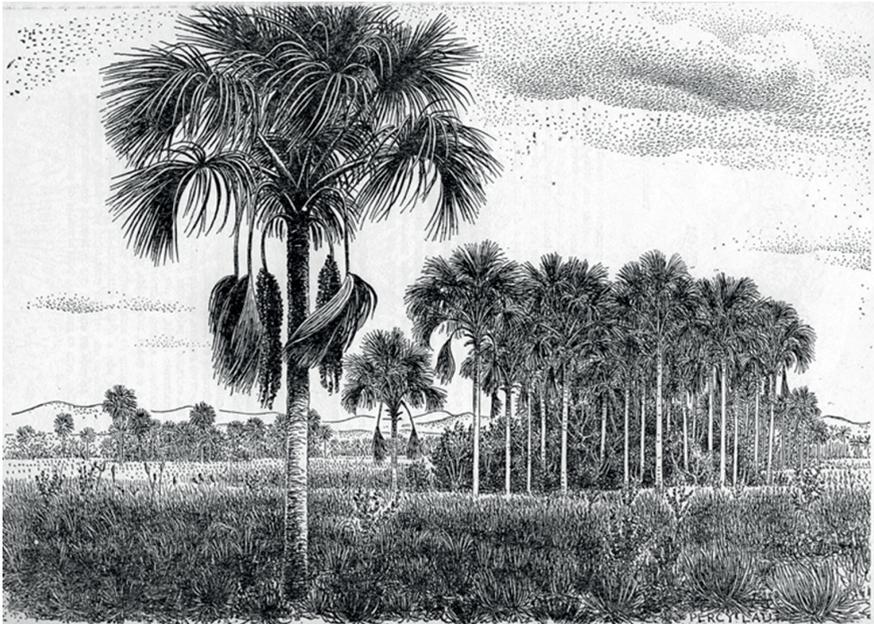
Zeca Brejeiro tentou por diversas vezes reagir, mas era ignorado e ridicularizado pelos capatazes do misterioso grileiro.

Um dia, saiu bem cedo para coletar mel da melípona urucu, e quando retornou, seu rancho havia sido sapecado, qual a penugem de um capão sendo preparado para uma senhora em época de resguardo. Por sorte, sua rabequinha e sua viola, que estavam num saco de meia dependurado num dos galhos do pequizeiro, não foram atingidas pelas chamas devoradoras.

Contam que quando Zeca Brejeiro viu aquela cena, ficou imóvel, não teve reação de desespero, apenas se ajoelhou, balbuciou alguma oração, onde, entre uma frase e outra, se ouvia: _Sei que a noite é uma senhora, logo chegará o amanhecer!

Tomou pelas mãos o saco de meia com os instrumentos, cuidadosamente o alojou no dorso e saiu pelos brejos adentro daquela vereda.

Ninguém mais tem notícias suas. Se é vivo ou se morreu, ninguém sabe.



Apois se conta ainda hoje que um velho vaqueiro atrevido que por aquelas bandas passava trouxe a notícia de que todas aquelas plantas foram atiradas ao chão e que, por ironia do destino, só sobrou o velho pequizeiro. Esse vaqueiro disse também que se arrepiou todo quando um pé-de-vento soprou os galhos daquela árvore, pois esses rangiam tal qual o som da rabequinha de Zeca Brejeiro.

O Quintal de Rosa

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves²⁹

Rosa era uma mulher da roça mineira. Suas prendas eram tão simples quanto o seu rosto, seus cabelos brancos, suas mãos calosas, seus pés descalços e suas roupas de algodão.

Rosa não aprendeu a ler, mas escrevia o nome com letras miúdas. Conta-se que ela e os irmãos escreviam com letras torneadas, como se todos tivessem aprendido a mesma forma do nome. Por não saber ler, dizia que apenas desenhava. Sua portentosa inteligência era admirada quando relatava o dia e ano de aniversário de todos os irmãos e sobrinhos.

No seu rosto estendia-se a expressão da simplicidade e da generosidade de uma mulher guardiã de tempos ancestrais da cultura sertaneja. As rezas antigas que aprendera com a avó benzedeira eram entoadas todas as noites e manhãs. Nos tempos de trovoadas, cantarolava com os irmãos a oração de Santa Bárbara para abrandar as chuvaradas.

²⁹ Possui Graduação (Unicerp), Mestrado (UFG) e Doutorado (UFG) em Geografia. É professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG), coordenador do Mestrado em Geografia (PPGEO) da UEG – Campus Cora Coralina. É do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) e do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (Icebe). E-mail: ricardo.goncalves@ueg.br

Essa simples mulher era conhecedora das árvores do Cerrado que circundavam sua casa de adobes, telhas, portas e janelas artesanais. Contudo, no lugar desta laboriosa filha do sertão havia algo singular, o seu quintal. O quintal era um documento do mundo rural, um território plural com distintos significados por sua afinidade com a cultura e o trabalho camponeses no sertão mineiro.

O quintal de Rosa era o território da diversidade. Nele havia árvores frutíferas, plantas medicinais, moitas de cana caiana de colmos arroxeados, bananeiras, flores sempre-lustrosas, rosas dália amarelas e vermelhas, nascentes e um rego d'água com uma bica perene, mesmo nos meses severos de seca. As imensas mangueiras, goiabeiras, abacateiros, laranjeiras, cajueiros, coqueiros e bananeiras se multiplicavam de um lado e outro do terreiro e do rego d'água.

No período frutífero das laranjeiras, o quintal era o terreno da alegria das crianças, dos vizinhos e dos pássaros. Os sabiás, guaxes, tucanos, periquitos e juritis faziam revoadas diárias imiscuídos entre as folhagens e frutos. As laranjas se multiplicavam nos galhos escorados com varas de bambu ou se arrastavam no chão vermelho e fértil. As frutas eram as dádivas naturais coletadas por todos.

A abundância de plantas, água, animais e pássaros sintetizava um mundo de cores, cheiros e sabores. A poucos passos do terreiro era possível coletar erva-cidreira, hortelã, mentrasto, boldo, erva de santa maria, erva-doce e folhas de canela. Ou, nos meses de junho e julho, colher os grãos de café que eram secados, pilados, torrados e moídos por Rosa. No seu terreiro extenso e limpo diariamente estendiam-se os grãos de café, mamona e raízes de açafraão recolhidos do imenso quintal.

A diversidade do quintal de Rosa era a antítese das monoculturas transgênicas que se expandem nos territórios do Cerrado. Apropriado pelo modelo econômico predatório territorializado na agricultura, na mineração e no turismo, o Cerrado está cindido pelos desmatamentos, uso de agrotóxicos, erosão dos solos, envene-

namento dos rios e das águas subterrâneas. Os bens comuns do Cerrado se tornaram uma das principais fontes de potenciais lucros das corporações internacionais. Por isso, o capital extrativo global alarga as fronteiras de cercamento e de transformação de frutos, águas, solos, matas e minérios em mercadorias.

Contra esse modelo, o quintal de Rosa era o território do cuidado e do trabalho cotidiano. Todos os dias, antes do sol desabrochar as manhãs do sertão, essa laboriosa mulher se levantava, preparava o café na fonalha a lenha e iniciava sua lida diária. Seu cotidiano de trabalho não ultrapassava as cercas de seu quintal. Suas tarefas habituais envolviam o trato dos animais domésticos, o cuidado com as plantas, a irrigação das flores e a limpeza minuciosa do terreiro.

Rosa gostava de plantar. Suas mãos tocavam a terra para multiplicar as sementes de feijão e milho nos meses de setembro e outubro, quando se iniciavam as primeiras chuvas. Do paiol, localizado na entrada principal do quintal, ela e os irmãos armazenavam as espigas de milho, as abóboras coletadas para alimentar os porcos, o pilão de arroz e café, as lenhas da fonalha, os tachos de cobre, as rodas de fiar algodão, os sacos de arroz e de feijão.

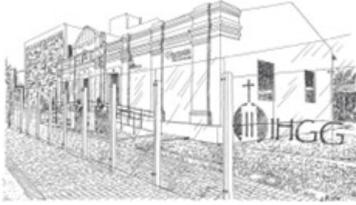
Cuidar do terreiro que rodeava toda a casa requisitava uma atenção amiúde e esmerada. Com seus braços pequeninos agarrados em vassoura de palha, varria esse espaço do quintal com devoção. No chão pisado do terreiro, havia muitas histórias da avó, do pai, da mãe e dos irmãos trabalhadores rurais. Abrigava lembranças ancestrais. Na casa camponesa, a cozinha e a sala se estendiam de encontro ao terreiro. Era nele que as crianças brincavam, as visitas se aproximavam da casa e os trabalhadores estendiam os forros de sacos emendados para a secagem de grãos de arroz, feijão e café. Era um lugar com sentido prático e coletivo no interior do quintal. Nele, durante as noites, os camponeses se reuniam para admirar as estrelas e a lua, que medrava seu brilho e despertava o deslumbramento espontâneo diante daquela beleza incompreendida e infinita.

O fato do quintal de Rosa ser o território do cuidado cotidiano contrapõe à lógica do consumo, dos barulhos intrépidos de carros, da exploração do trabalho, da subjetivação neoliberal, das relações feridas e narcísicas que vicejam nas metrópoles. Difere do mundo de fluxos rápidos, babel de imagens e palavras, sirenes de ambulâncias, trabalhadores acidentados e adoecidos em troca de baixos salários, crianças fechadas em condomínios e apartamentos, medos de violência policial, arranha-céus à base de aço e concreto, pessoas sem casa e sem comida nas ruas e praças.

O quintal de Rosa era o território da sabedoria camponesa. Rosa foi uma mulher que aprendeu a fazer tudo o que tornava possível a reprodução da existência no sertão. Ainda pequenina, aprendeu com a avó e a mãe como preparar o sabão de coco ou de abacate, que era armazenado para o uso no decorrer de todo um ano. Ela mesma arrancava, limpava, cortava, secava, moía e preparava o açafraão para o uso da família. Plantava e colhia o algodão que ela fiava com maestria e paciência.

As prendas desta dura trabalhadora eram abundantes. Preparava o azeite de mamona coletada no quintal. Sua sabedoria camponesa lhe permitia detalhar como preparava o azeite de mamona sugerido para aplicar nas feridas. Primeiro, coletava os cachos de mamona e punha no terreiro para secar exposto ao sol; depois abanava nas peneiras feitas de bambu; torrava os grãos da mamona na fornalha a lenha; esmagava no pilão, ferventava a massa e, finalmente, apurava o azeite. Rosa conhecia a origem de tudo o que ela comia e bebia. Vendia apenas o que sobrava e ganhava quantias miúdas de dinheiro até que se aposentou.

Rosa e seu quintal não existem mais. Viveu quase 80 anos entre plantas, frutos, ervas medicinais, flores, animais e pássaros. Para essa mulher camponesa do Cerrado mineiro, o quintal era a expressão de seu rosto e de sua vida simples. O jorro de sua existência generosa representou o sertão inteiro.



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

O Burrinho

Eguimar Felício Chaveiro³⁰

Tenho uma novidade para lhe contar. Comprei um burrinho, bom mesmo, patas arreganhadas, nariz empinado, lombo com curva acentuada e espaçosa. Anda de um jeito célebre o meu burrinho, mas é dado à lentidão. Não suponho, por isso, que ele cumpra diligências em prazos contratuais. Isso não, isso é coisa para trem-bala, redes moduláveis, coisa de gente que não conhece o sabor da lentidão. O meu burrinho tem o seu tempo e nesse tempo o seu focinho mira a estrada. Vou lhe dizer: desejo apenas que ele, com o seu trote original, escape das armadilhas, como eu e como todos que, na vida, possuem armadilhas para escapar. Esse mundo é cheio de armadilhas, irmão!

Com riso meio escondido e uma calma de quem costura o tempo com graça e atenção, além de uma fresta sutil de sarcasmo sadio entre os lábios, Barbosa Neto, tido, havido, proclamado e celebrado como o professor e o pesquisador que inventou o Cerrado, continuou a deitar a sua picardia:

³⁰ Professor Titular da Universidade Federal de Goiás (UFG). É do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) e do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (Icebe). E-mail: eguimar@hotmail.com

– O meu burrinho é um pai para a feroz batalha diária. Olha lá, a batalha não é pouca nem pequena, irmão: primeiramente, estrangularam os territórios do Goiás e do Caiapó, depois encheram as igrejas e os palácios europeus de ouro; agora querem devorar os rios, os lençóis, os tatus, os peixes... E estão encharcando o solo, as plantas e o ar de agrotóxico.

Compadre Trinômio Sales ouvia o amigo com a serenidade de um tamanduá-bandeira. A visita do velho amigo, renomado pesquisador, enchia-o de entusiasmo. Enquanto ouvia a lorota de chegada ao modo inventivo e humorado de Barbosa Neto, Trinômio esfregava as mãos, aticava os pés descalços no madeirame do piso já puído e rarefeito, torcia o pescoço em direção à luz proveniente da janela e se organizava na cadeira numa postura de oração. Em seu silêncio alegre, fluía uma mensagem: “Barbosa Neto é danado, nunca vai se acomodar. É como um benzedor que anda mil léguas para apanhar um raminho de quina para salvar a rocinha de um camponês cheio de filhos...”

Trinômio Sales pegou a garrafa de café e colocou-a na mesinha de centro. Enquanto isso, a garrafa d’água, ao lado das xícaras vazias, orvalhava-se na parte externa, formando um roteiro de gotículas semifeitas. Na parte externa da garrafa com água fresca, as gotículas exíguas pipocavam como se fossem estrelas líquidas. A pressão calórica daquele agosto infernal, seco, ameaçava todos e tudo, inclusive o Córrego Damiana, combalido pela ausência de chuva na estação e também pela pressão do lixo urbano. Foi aí que o professor Barbosa Neto aproveitou a deixa e entrou no segundo ato de sua lorota:

– Pois é, irmão, o meu burrinho atravessou séculos! Olha, com o aprimoramento do carbono 14, eu posso lhe garantir: ele tem cerca de 13 mil anos de idade. Nesse tempo, ele acumulou culturas e saberes, como se aprimorou geneticamente para enfrentar o que estamos vendo agora, a estiagem prolongada. Ele tem a força que re-

nasce e os braços longos entrelaçados com a Floresta Amazônica, com a Mata Atlântica, com a Caatinga, com os Pampas e com o Pantanal. Ele é um sistema biogeográfico, irmão! Mas, irmão, não é só isso: as patas do burrinho se entrelaçam com os aquíferos Guaraní, Bambuí e Urucuaia. O seu intestino é fluvial, entende? Deixa eu te falá, irmão: ele põe a língua no céu, sobe dos tabuleiros e vai, avança no maior espetáculo de vida, vida abarrotada, magnífica, sutil, são milhares de flores, de insetos... o meu burrinho lava a alma no Araguaia-Tocantins, no São Francisco e no Paraná...

Trinômio Sales arregalou os olhos, a lorota do professor o surpreendera. Como se mudasse de estação espiritual, já não sabia se ria ou se chorava. Voltou a esfregar as mãos, cerrou as sobrancelhas e, sem querer, devotou um suspiro prolongado e forte. Naquela circunstância não havia palavras que lhe cobrissem o gesto de respeito e de amor pelo amigo – e pelo burrinho. Sem saber o que falar e em louvor àquele silêncio cheio de significados, pegou o copo d'água, entornou-o lentamente na boca seca; imediatamente, pegou um copo vazio, encheu-o de água e com as mãos trêmulas destacou a voz sob um amparo amoroso. Olhando fixamente o copo, autorizou que o cérebro emitisse energia suficiente para os músculos passá-lo ao amigo-irmão. Com a voz trêmula e suave, disse com riso fluente:

– Dê água para o seu burrinho!

Naquele momento, o ar cáustico de agosto soprava com mais força e com maior calor. Coincidiu de Trinômio Sales e Barbosa Neto, infringidos pelo soco quente do ar, fitarem a janela aberta, procurando um alívio à temperatura causticante que os sufocava. Uma nuvem de fuligens, cinzas e baforentas vinha em sua direção. Ambos, com rapidez, levantaram-se das cadeiras e golpearam o olhar, buscando ampliar o alcance da visão. Lá longe, um fogo saliente e nervoso crepitava como uma gigante lâmina devoradora.

As fuligens logo trataram de empalidecer a visão dos velhos amigos, na mesma proporção que o seu semblante, azinhavre e pálido, procurava perceber o que estava acontecendo. Nem mesmo a enorme sala aconchegante da casa de tipo colonial, os baldrames feitos de aroeira, os semicírculos efusivos e os contornos leves dos portais, o assoalho de madeira resistente, os vãos trânsfugas que corriam da enorme sala quadrada em direção aos quartos, as lambidas de prata cobrindo o cume das janelas de madeira, as ombreiras e o peitoral das folhas que, com um pequeno toque, se abriam como um leque, fazendo explodir a fronteira entre a atmosfera e o interior da casa, davam conta de apaziguar os velhos amigos.

– Fogo! Fogo!

Os vizinhos de Trinômio Sales, observando o tição louco de fogo expressando no céu de Jataí, imediatamente saíram de suas casas. Tapando os olhos com as próprias mãos, direcionaram a visão ao rumo das tochas de fogo que pareciam comer o vento. Logo um gritou:

– Botaram fogo no parque! Botaram fogo no parque!

Os amigos se entreolharam num gesto de cumplicidade. Num vagar úmido, se abraçaram longamente como se aquele gesto amoroso fosse a única forma de salvar o burrinho. Enquanto isso o dilúvio do fogo tecia ondas pontiagudas ameaçadoras lá no parque, avançando rapidamente em direção à cidade.

Barbosa Neto, sabendo da sensibilidade e do acúmulo de saberes de Trinômio Sales, conclamou-o a uma tarefa: – Ei, irmão, está na hora de investigarmos a devastação ígnea. Está na hora de entendermos mais a teia hídrica...

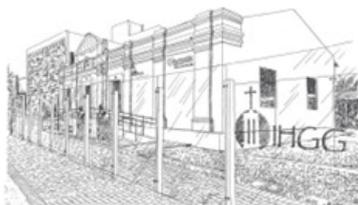
Trinômio volteou-se na cadeira, incomodado com a brasa atmosférica que poderia ter rumos surpreendentes, tentou em vão abanar as fuligens que lhe escaldavam o rosto, resfolegou-se, levantou, caminhou até a janela, colocou as mãos para fora e avaliou a densidade e a direção do vento. Com serenidade, mas indignado,

dirigiu a palavra a Barbosa Neto: – O seu burrinho é forte, resistente, sabe lidar com o tempo e com o fogo.

Depois de dizer isso, logo foi descascando com voz mansa e sábia o que a vida no Cerrado lhe ensinara.

Ajeitou o corpo e ousou, com amizade, tocar, com a mão direita, o coração do amigo como sinal de gratidão. Trinômio Sales sabia que Barbosa Neto, como ele, empenhara a sua vida inteira na compreensão e na defesa do Cerrado. Num golpe rápido de pensamento, depois de caminhar até a janela e ver a cortina de fumaça que se erguia no entorno da cidade, ponderou: – Há, no Cerrado, três fogos: o químico, o alquímico e o bandido. O fogo químico é a explosão que faz desprender calor e luz pelo processo de combustão. O alquímico é benfazejo, natural, ajuda a eliminar a dormência de várias espécies; e o bandido é o criminoso, o maldoso...

Foi quando Barbosa Neto, com timbre concentrado, complementou: – Irmão, há também o fogo afetivo, o fogo da amizade.



Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Galeria

Esta galeria é composta por fotografias e outros registros históricos referentes a atividades desenvolvidas pela gestão do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (Diretoria 2021-2025), sob a liderança do presidente do IHGG, Dr. Jales Guedes Coelho Mendonça. Nela contemplam ações desenvolvidas para a restauração da Casa Rosada de Goiânia e outras atividades públicas e institucionais realizadas no Instituto no ano de 2022. Esses registros são importantes, do ponto de vista histórico, por destacarem imagens que apresentam um momento muito distinto, que se relaciona à preservação do patrimônio cultural (material e imaterial) de nosso Instituto, além de reforçarem a participação de seus membros e de personalidades públicas na vida do IHGG.

Figura 1. Obras de restauração da Casa Rosada de Goiânia



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 2. Obras de restauração da Casa Rosada de Goiânia



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 3. Obras de restauração da Casa Rosada de Goiânia



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 4. Obras de restauração da Casa Rosada de Goiânia



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 5. Obras de restauração da Casa Rosada de Goiânia



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 6. Restauração concluída



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 7. Inauguração da restauração da Casa Rosada de Goiânia com a presença do Governador Ronaldo Caiado, Prefeito Rogério Cruz e da diretoria do Sicoob Unicentro Br



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 8. Casa Rosada iluminada no Natal 2022



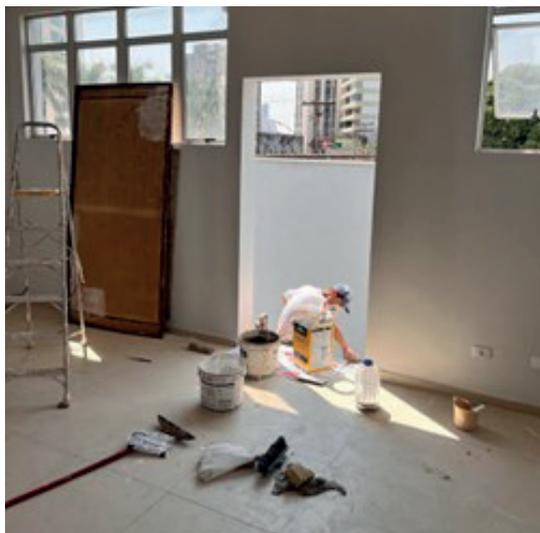
Fonte: arquivos IHGG.

Figura 9. Reforma do primeiro andar



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 10. Montagem do elevador doado por João Carlos Alvarenga Balduino Alla



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 11. Entrega da montagem do elevador



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 12. Exposição Dom Tomás Balduino



Foto: Clodoaldo Marques

Figura 13. Escadas com identificação da exposição Dom Tomás Balduino



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 14. Palestra Gilberto Mendonça Teles

GOIÁS +300 apresenta:
Gilberto Mendonça Teles no IHGG

Palestra:
"Reflexões sobre a Semana de Arte Moderna"



"Sustentando Teles", O.S.T., LioniZia Goyá, 2016



Exposição:
"Gilberto Mendonça Teles – o escritor e sua obra"

Dia: 02/06/2022 – Quinta-feira, às 9 horas

Realização:



Apoio:



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 15. Entrega da estante deslizante doada pela família do Governador Otávio Lage



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 16. Montagem de 28 módulos de estantes deslizantes



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 17. Reunião com diretoria do Banco do Brasil em Brasília para criação do Centro Cultural Banco de Brasil em Goiânia com a presença do Senador Luiz do Carmo.



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 18. Convite do Chorinho no IHGG



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 19. Realização do Chorinho no IHGG



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 20. Convite do Chorinho no IHGG e posse da Associação Goiana de Imprensa



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 21. Inauguração da exposição Geraldo Coelho Vaz



Foto: Clodoaldo Marques

Figura 22. Convite para posse dos novos sócios do IHGG



Convite

O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás tem a satisfação de convidar V. Sa. e família para a solenidade de posse de seus novos sócios titulares e correspondentes a ser realizada no dia 02 de agosto de 2022, às 09:00, em sua sede localizada na Praça Cívica esquina com Av. 85, em Goiânia. E-mail: ihgg@ihgg.org

Sócios titulares		Sócios correspondentes
Ademir Ribeiro Hamú	Luiz de Aquino Alves Neto	Adão Francisco de Oliveira
Alexandre Ramos Caiado	Maria de Fátima Gonçalves Lima	Adão Divino Batista
Aline Santana Lôbo	Murah Rannier Peixoto Vaz	Cida Sanches
Andréa Luísa de Oliveira Teixeira	Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves	Elaine Maria Machado Barbosa
Augusto César Rocha Ventura	Simone Cristina Schmalz de Rezende e Silva	Euclides Alves de Oliveira Souza
Eliézer Cardoso de Oliveira	Tereza Caroline Lôbo	Fiomar Ambrosina Oliveira Chagas
Hamilton Inácio Carneiro	Tiago Ribeiro Machado	Luciano Roriz
Jales Rodrigues Naves	Valterli Leile Guedes	Maria Elizabeth Costa
João Guilherme da Trindade Curado		Pedro Augusto Diniz Silva
Luiz Cláudio Veiga Braga		Rafael Ribeiro Bueno Fleury de Passos
		Sidney Pereira de Almeida Neto










Fonte: arquivos IHGG.

Figura 23. Solenidade de posse dos novos membros do IHGG



Foto: Clodoaldo Marques

Figura 24. Solenidade de posse dos novos membros do IHGG



Foto: Clodoaldo Marques

Figura 25. Café da manhã servido na posse dos novos sócios do IHGG



Fonte: Clodoaldo Marques

Figura 26. Visita da Reitora da UFG Angelita Pereira de Lima à sala Colemar Natal e Silva



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 28. Solenidade dos 90 anos do IHGG



Foto: Clodoaldo Marques

Figura 29. Almoço de confraternização dos 90 anos do IHGG



Foto: Clodoaldo Marques

Figura 30. Coleção Goiás + 300



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 31. Lançamento da Coleção Goiás + 300



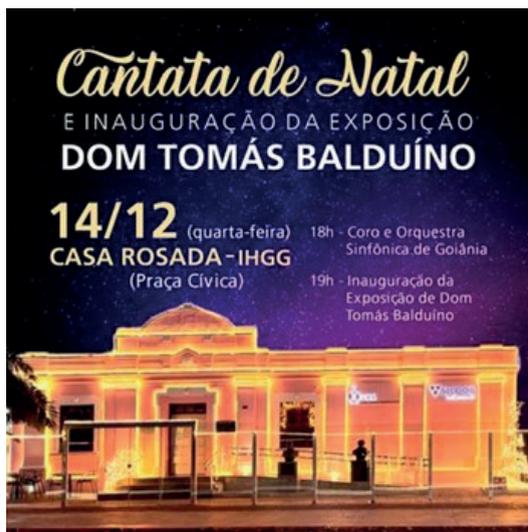
Foto: Clodoaldo Marques

**Figura 32. Almoço de confraternização após lançamento
Coleção Goiás +300**



Foto: Clodoaldo Marques

**Figura 33. Convite Cantata de Natal e Inauguração da
Exposição Dom Tomás Balduino**



Fonte: arquivos IHGG.

**Figura 34. Apresentação da Cantata de Natal do IGHH pela
orquestra Sinfônica de Goiânia**



Foto: Clodoaldo Marques

**Figura 35. Solenidade de inauguração da exposição Dom
Tomás Balduino**



Foto: Clodoaldo Marques

Figura 36. Hemeroteca Digital do IHGG com o acréscimo de novos periódicos em 2022.



Fonte: arquivos IHGG.

Figura 37. Cartão Postal dos 90 anos do IHGG



Fonte: Di Magalhães

Figura 38. Matéria do jornal “O Popular” sobre a Casa Rosada de Goiânia.

15/11/22

O Popular

PATRIMÔNIO Aos 90 anos e com sendo restaurada, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG) deseja promover uma ocupação permanente e pulsante no edifício histórico

Casa rosada

Cláudia Ferreira
claudia.ferreira@goiappopular.com.br

A restauração da casa rosada que circunscrita a Praça Cívica, no Setor Sul, se deborçava a memória de Goiás e o conteúdo feito pelo Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). Museu de arte, um escritório, biblioteca, galeria de exposições, espaço para eventos, espaço para uma restauração, entregar ao tecido da arte, e agora deseja que mais pessoas ocupem o prédio histórico.

Em 2022, o IHGG comemorou seus 90 anos. A instituição começou a funcionar no Palácio da Instrução, na cidade de Goiás, mas foi transferida para o edifício atual em 1962, após a transferência da nova capital. De lá para cá, o prédio histórico passou por diversas modificações. Por isso, a instituição se propõe a restaurar o edifício no Setor Sul, não só no âmbito do seu passado, mas também para oferecer um espaço para a ocupação permanente.

“A restauração do prédio do edifício foi possível por meio de uma parceria com a iniciativa privada, o Sicoob. O prédio estava abandonado. O custo total foi de R\$ 2,3 milhões”, explica Iales. Foi preciso res-

taurar todo o piso, portas e janelas de madeira, que foram muito seculares antigas do século XIX. O trabalho também foi reformado, além do piso de madeira. O projeto conta ainda com integrações de restauração.

O centro ainda foi inaugurado nos anos 2000 localizado nos fundos da Casa Rosada também passou por uma restauração. “Foi o mesmo caso, foi realizado por meio do Sicoob. O Sicoob é uma agência de fomento, uma agência de fomento foi iniciada no estado. “A casa preserva de uma reforma emergencial. Agora, após a reforma, o prédio está pronto para receber pesquisadores, artistas, estudantes, alunos e outras pessoas. A instituição também é conhecida como “Instituto do Estado” de Iales.

Uma das ideias da nova gestão do IHGG é fazer com que o prédio de todos os níveis de estudantes e discutam sua própria história. Para tanto, Iales, Mendonça, também de criar um café, chamado Café Brasileiro Lery Lyner, homenagem a um dos precursores do movimento histórico em Goiás. No local, além de oferecer bebidas, como o café e lanches, também haverá

apresentações musicais, coreografias.

Na sala ao lado do café, uma exposição permanente com obras do genealogista Iales. A exposição também terá livros, artigos, revistas, arquivos, recortes de jornal e objetos cedidos pela família do escritor. Quem passar por lá vai encontrar livros em português de Goiás, como o livro “Mato Grosso Meigueteiro”, e objetos pessoais de artistas e outros goianos, como bengalas, chapéus de feltro e maquiagem de esculturas.

A ideia é que o prédio seja um espaço de estudos históricos e geográficos de Goiás. Queremos criar uma tour para escolas de todo o estado para que as crianças possam conhecer de perto a Casa Rosada”, aponta Iales. Mendonça. Os estudos são feitos para se ocupar o prédio de maneira integral. “Gostaria de explicar que ainda há muito trabalho a ser feito, com exceção do programa de estágio da Universidade Federal de Goiás, estudantes de graduação de geografia da área, já começaram a fazer catalogação de arquivos manuscritos, como o acervo do Prof. Dr. Cayula e do Excmo. Sr. Mendes, para que pesquisadores e estudantes possam ter acesso à história da cidade de Goiás.

“O trabalho de restauração e ocupação permanente da Casa Rosada vive o entrar da reforma do atual edifício da Praça Cívica, que desde o início de 2021 tem iniciado a pintura da região. O novo edifício do Instituto, por exemplo, foi concluído. Pesquisadores têm evitado passar pelo local, o que acaba afetando o trabalho em geral. “Desde que assumi a gestão do IHGG que a Praça está sendo e já há uma expectativa de quando acabará a reforma”, lamenta.

Foto: Divulgação

Fonte: Jornal O Popular

SÓCIOS DO IHGG

PRESIDENTES DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

Francisco Ferreira dos Santos Azevedo – 07/10/1932 a 14/04/1933;
Colemar Natal e Silva – 14/04/1933 a 16/03/1956;
Zoroastro Artiaga – 07/09/1956 a 20/02/1962;
Gilberto Mendonça Teles – 20/02/1962 a 23/03/1970;
Basileu Toledo França – 23/03/1970 a 16/03/1973;
Colemar Natal e Silva – 16/03/1973 a 12/01/1993;
José Mendonça Teles – 12/01/1993 a 05/04/2005;
Aidenor Ayres – 05/04/2005 a 15/04/2013;
Geraldo Coelho Vaz – 05/04/2013 a 05/05/2021;
Jales Guedes Coelho Mendonça – 05/05/2021 –

Presidente Perpétuo
Colemar Natal e Silva

Presidente *ad vitam*
José Mendonça Teles

Presidente de Honra
Marconi Ferreira Perillo Júnior

SÓCIOS TÍTULARES

Cadeira nº 1

Patrono: Pedro Ludovico Teixeira
Titular: JOSÉ UBIRAJARA GALLI VIEIRA

Cadeira nº 2

Patrono: Maria Angélica do Couto Brandão (Nhanhá do Couto)
Titular: ANDRÉA LUÍSA DE OLIVEIRA TEIXEIRA

Cadeira nº 3

Patrono: Francis Castelnau
Titular: TEREZA CAROLINE LÔBO

Cadeira nº 4

Patrono: Joaquim Xavier de Guimarães Natal
Titular: EDUARDO JOSÉ REINATO

Cadeira nº 5

Patrono: Albatênio Caiado de Godoy
Titular: JALES GUEDES COELHO MENDONÇA

Cadeira nº 6

Patrono: Zoroastro Artiaga
Titular: NILSON GOMES JAIME

Cadeira nº 7

Patrono: Arlindo Pereira Cardoso
Titular: ELIZABETH ABREU CALDEIRA BRITO

Cadeira nº 8

Patrono: Luís Antônio da Silva e Souza
Titular: ITANEY FRANCISCO CAMPOS

Cadeira nº 9

Patrono: Antônio Félix de Bulhões Jardim
Titular: HÉLIO ROCHA

Cadeira nº 10

Patrono: Gelmires Reis
Titular: TIAGO RIBEIRO MACHADO

Cadeira nº 11

Patrono: Honestino Guimarães
Titular: IURI RINCON GODINHO

Cadeira nº 12

Patrono: João Capistrano de Abreu
Titular: NELSON LOPES FIGUEIREDO

Cadeira nº 13

Patrono: Pe. Luiz Palacín Gomes
Titular: WOLMIR THEREZIO AMADO

Cadeira nº 14

Patrono: Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira
Titular: AUGUSTO CÉSAR ROCHA VENTURA

Cadeira nº 15

Patrono: Emmanuel Pohl
Titular: LUIZ AUGUSTO PARANHOS SAMPAIO

Cadeira nº 16

Patrono: Auguste de Saint-Hilaire
Titular: BRASIGÓIS FELÍCIO CARNEIRO

Cadeira nº 17

Patrono: Raimundo José da Cunha Matos
Titular: JADIR MORAIS PESSOA

Cadeira nº 18

Patrono: José Vieira de Couto Magalhães
Titular: MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES LIMA

Cadeira nº 19

Patrono: José Martins Pereira de Alencastre
Titular: HÉLIO MOREIRA

Cadeira nº 20

Patrono: Luiz Gonzaga de Faria
Titular: AIDENOR AIRES

Cadeira nº 21

Patrono: José Ferreira de Sousa Lobo
Titular: ELEUZENIRA MARIA DE MENEZES

Cadeira nº 22

Patrono: Sebastião Pompeu de Pina
Titular: JOÃO GUILHERME DA TRINDADE CURADO

Cadeira nº 23

Patrono: Crispiniano Carvalho
Titular: ABÍLIO WOLNEY AIRES NETO

Cadeira nº 24

Patrono: José Lopes Rodrigues
Titular: NEY TELES DE PAULA

Cadeira nº 25

Patrono: Luiz Ramos de Oliveira Couto
Titular: JOSÉ AMAURY DE MENEZES

Cadeira nº 26

Patrono: Jarbas Jayme
Titular: JACIRA ROSA PIRES

Cadeira nº 27

Patrono: Manoel Onofre de Andrade
Titular: BENTO ALVES ARAÚJO JAYME FLEURY CURADO

Cadeira nº 28

Patrono: José Nacim Yazigi Bourhan Helou
Titular: EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO

Cadeira nº 29

Patrono: Salomão de Vasconcelos
Titular: HELOÍSA SELMA FERNADES CAPEL

Cadeira nº 30

Patrono: Clifford Evans
Titular: HAMILTON INÁCIO CARNEIRO

Cadeira nº 31

Patrono: Eurídice Natal e Silva
Titular: ADEMIR RIBEIRO HAMÚ

Cadeira nº 32

Patrono: José Peixoto da Silveira
Titular: RICARDO JUNIOR DE ASSIS FERNANDES
GONÇALVES

Cadeira nº 33

Patrono: Antônio Americano do Brasil
Titular: ELIÉZER CARDOSO DE OLIVEIRA

Cadeira nº 34

Patrono: Amália Hermano Teixeira
Titular: JALES RODRIGUES NAVES

Cadeira nº 35

Patrono: Moisés Augusto de Santana
Titular: PEDRO NOLASCO DE ARAÚJO

Cadeira nº 36

Patrono: Ricardo Augusto da Silva Paranhos
Titular: LUIZ DE AQUINO ALVES NETO

Cadeira nº 37

Patrono: Louís Ferdinande Cruls
Titular: HORIESTE GOMES

Cadeira nº 38

Patrono: Henrique José da Silva
Titular: GETÚLIO TARGINO LIMA

Cadeira nº 39

Patrono: José Honorato de Silva e Souza
Titular: LUIZ CLÁUDIO VEIGA BRAGA

Cadeira nº 40

Patrono: Dom Emanuel Gomes de Oliveira
Titular: GIOVANA GALVÃO TAVARES

Cadeira nº 41

Patrono: Maria Barbosa Reis
Titular: ANTÔNIO CÉSAR CALDAS PINHEIRO

Cadeira nº 42

Patrono: Ministro Jorge Latour
Titular: ANTÔNIO CELSO RAMOS JUBÉ

Cadeira nº 43

Patrono: Cora Coralina (Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas)
Titular: ALEXANDRE RAMOS CAIADO

Cadeira nº 44

Patrono: Francisco Tosi Colombina
Titular: APARECIDA TEIXEIRA DE FÁTIMA PARAGUASSÚ

Cadeira nº 45

Patrono: Cândido Mariano da Silva Rondon
Titular: HEITOR ROSA

Cadeira nº 46

Patrono: Pe. Manoel Aires de Casal
Titular: ALINE SANTANA LÔBO

Cadeira nº 47

Patrono: Regina Lacerda
Titular: SIMONE CRISTINA SCHMALTZ DE REZENDE E
SILVA

Cadeira nº 48

Patrono: Rosarita Fleury (Maria do Rosário Fleury)

Titular: EURICO BARBOSA DOS SANTOS

Cadeira nº 49

Patrono: Joaquim Teotônio Segurado

Titular: SANDRO DUTRA E SILVA

Cadeira nº 50

Patrono: Gerson de Castro Costa

Titular: MURAH RANNIER PEIXOTO VAZ

Cadeira nº 51

Patrono: Joaquim Alves de Oliveira

Titular: VALTERLI LEITE GUEDES

SÓCIOS EMÉRITOS

Ana Braga

Ático Villas Boas +

Altair Sales Barbosa

Augusta Faro Fleury de Melo

Binômimo da Costa Lima

Cristovam Francisco de Castilho

Elder Camargo Passos

Francisco Itami Campos

Geraldo Coelho Vaz

José Mendonça Teles +

José Peixoto da Silveira Júnior

Juarez Costa Barbosa

Lena Castello Branco Ferreira de Freitas

Luís Antônio Estevam

Licínio Leal Barbosa
Mari de Nazaré Baiochi
Maria Augusta Callado di Saloma Rodrigues
Maria Augusta Sant'Anna de Moraes
Maria Narcisa de Abreu Cordeiro Pires
Maria do Rosário Cassimiro
Maria Terezinha Campos Santana
Martiniano José da Silva
Nasr Nagib Fayad Chaul
Nancy Ribeiro de Araújo e Silva
Ursulino Tavares Leão +
Waldomiro Bariani Ortencio

SÓCIOS BENEMÉRITOS

Humberto Crispim Borges +
Gilberto Mendonça Teles

SÓCIOS CORRESPONDENTES (NACIONAL E DO ESTADO DE GOIÁS)

Adão Divino Batista
Adão Francisco de Oliveira
Adilson César
Ana Maria de Almeida Camargo
Antolinda Baía Borges +
Antônio Oliveira Mello
Arno Wehling
Bráulio Nascimento
Carlos Gomes de Carvalho
Carlos Granado Vieira de Castro +

Cida Sanches
Consuelo Pondé de Sena
Cybelle Moreira de Ipanema
Djalma Silva +
Domingos Pacífico Castello Branco Ferreira
Dulce Madalena Rios Pedroso
Edmar Camilo Cotrim
Elaine Maria Machado Barbosa
Esther Caldas Guimarães Bertoletti
Euclides Alves Oliveira Souza
Filadelfo Borges Lima
Flomar Ambrosina Oliveira Chagas
Gilson Silva +
Gustavo Neiva Coelho
Hilda Agnes Hübner Flores
Iapery Soares de Araújo
Itapuan Bôtto Targino
Jayme Lustosa de Altavila
João Alberto Novis Gomes Monteiro
João Asmar +
José Faria Nunes
Josemar Bezerra Raposo
José Otávio de Arruda Melo
José Luiz Bittencourt
Luciano Roriz
Manoel Rodrigues Ferreira
Marlene Gomes Velasco
Maria Elizabete Costa
Maria Helena de Amorim Romacheli
Mauro da Costa Lima
Melquádes Pinto Paiva
Osvaldo Rodrigues Póvoa

Paulo Nunes Batista +
Padre Ronaldo Silva
Pedro Augusto Diniz
Rafael Ribeiro Bueno Fleury de Passos
Ramir Curado
Sidney Pereira de Almeida Neto
Sonia Maria Ferreira
Stella Leonardos +
Terezy Fleury Godoi
Umbelina Frota +
Valdemes Ribeiro Menezes +
Valdon Varjão +
Vera Lopes Siqueira
Yasmin Jamil Nadaf
Yva Avena +
Zélia dos Santos Diniz
Zilda Pires da Silva
Wellington Aguiar
Toniquinho JK

SÓCIOS CORRESPONDENTES INTERNACIONAL

Esteban Alvarado Vera
Jaime Romanini Gainza
Manuel Velásquez Rojas
Maria Esther Robledo
Wellington Castillo Sánchez

SÓCIOS HONORÁRIOS

Antônio de Souza Almeida +
Armando Calheiros Acioli
Eliézer Penna +
Goiana Vieira da Anunciação
Hélio Seixo de Brito Júnior
Jônathas Silva
Jorge de Moraes Jardim
Kleber Adorno
Leonardo Martins Normanha
Lourival Luza Júnior
Luiz José Bittencourt
Maria Abadia Silva
Milca Severino Pereira
Nelson Patriota
Pedro Paulo Montenegro
Pedro Wilson Guimarães
Terezinha Vieira dos Santos
Vilmar da Silva Rocha
Waldyr Eduardo Aidar +
Walterdan Fernandes Madalena

SÓCIOS MANTENEDORES

Alexandre Carlos Magno Mendes Pimentel
Anna Vitória Gomes Caiado
Carlos Alberto França
Clidenor Gomes Filho
Demóstenes Lázaro Xavier Torres
Diogo Mafia Vieira
Fernando Passos Cupertino de Barros
Felicíssimo José de Sena
Jalles Fontoura de Siqueira

Joaquim Alves de Castro Neto
João Carlos Alvarenga Balduino Alla
José Carlos Garrote de Souza
José Umberto Vaz Siqueira
Josserrand Massimo Volpon
Lorena Quinan de Paula Mendonça
Marcelo Eugênio Carneiro
Ney Moura Teles
Otávio Lage de Siqueira Filho
Raimundo Nonato Leite Pinto
Rodrigo Naves Pinto
Rogério Oliveira da Cruz
Ronaldo Ramos Caiado
Sérgio Baiocchi Carneiro
Tatyanny Alves Lima
Zander Fábio Alves da Costa



Em apoio à sustentabilidade, à preservação ambiental, a Editora Kelps declara que este livro foi impresso com papel produzido de floresta cultivada em áreas degradadas e que é inteiramente reciclável

Este livro foi impresso na oficina da EDITORA
KELPS, no Of Set LD 75g, composto nas fontes
Bookmania corpo 12;
Março, 2023

A revisão final desta obra é de responsabilidade dos
organizadores

Patrocínio:



PREFEITURA
DE GOIÂNIA
Cultura



ISSN 2175-1269

